

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1938

ANNO VII

N.º 5

ESCREVEM NESTE NUMERO :

AFFONSO BANHOS — ARTHUR RAMOS
AURELIO GOMES DE OLIVEIRA — CORREIA DE SA
DIAS DA COSTA — JORGE DE LIMA — LUIZ DA CAMARA CASCU DO
MARIO ALESSANDRINI — MARIO BORGES DA FONSECA
MARIO VILALVA — NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA
NEWTON SAMPAIO — OSORIO DUTRA
WILSON RODRIGUES — ZULEIKA LINTZ

NESTE NUMERO

Secções de:

CINEMA,

MUSICA

e DISCOS

NESTE NUMERO :

Correspondencia de

LISBOA

e do PORTO



PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



5.^a EDIÇÃO (12.000 exemplares)
DE UM PRODIGIOSO RO-
MANCE DE AMOR E CIUME
QUE SE TORNOU O MAIOR
SUCESSO DE LIVRARIA
DOS ULTIMOS TEMPOS.



Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

déclare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe tauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus colaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

- Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris
Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa
No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre
Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo
Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte
Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife
Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia
Em Alagoas — Dr. Raul Lima — Maceió
Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa
No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza
No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém
No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manãos.

DIRECCÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
" BOLETIM DE ARIEL "

CONSULTAS: .

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás lettras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por « Ariel, Editora Ltda. », quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo « EDIÇÕES ARIEL », na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

« BOLETIM DE ARIEL » ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.....
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de.....

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Cóрте e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLEZIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

À ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....
.....
.....



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR
Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucla Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Rels

REDACTOR-CHEFE
Agrippino Grieco

O Mystério de Shakespeare

Não ha enigma sobre Molière e Gil Vicente, Dante e Virgilio mas existem o «caso Homero» e o mysterio-Shakespeare.

Ha uma distancia entre o Shakespeare que a Historia fixou e o inglez que escreveu os dramas inesqueciveis. Não é possível explicar um pelo outro. O autor dos dramas é um espirito claro, erudito, conhecendo historia, philosophia, direito, diplomatica. Maneja com segurança as tradições inglezas, dinamarquezas, italianas, gregas e romanas. E' alguem que cursou Universidades para ter a linguagem cuidada, o vocabulario extenso, idoneo e justo e um senso de proporção, de ambiente e de detalhes, verdadeiramente genial. Ainda, sobre tudo, ha o caracter psychologico de seus personagens, tirados de varios mundos da Historia, com tendencias, instinctos e mentalidades diferenciadas, todos coherentes e logicos nas attitudes, falando, pensando e agindo com uma naturalidade que denuncia o segredo maravilhoso da cultura espiritual do creador.

Mas esse William Shakespeare, autor dos dramas, resuscitador de tragedias, insuflador da vida espiritual de Romeu e Julietta, do Mercador de Veniza, de Othelo, de Macbeth, do *Sonho duma Noite de Verão*, é o mesmo homem de Stratford-on-Avon, no Warwickshire? Pelo que delle conhecemos, a tradição, a «story», o scenario moral que elle devia ter deixado na terra em que nasceu e morreu, deduzimos a juxtaposição dos dois typos? Era Shakespeare-historia sabedor de historia e philosophia, homem culto, relacionado e digno?

A historia regista muito differentemente...

Já no seculo XVIII Edmond Malone, prefaciador de varias edições shakespeareanas (as de 1778, 80, 83, 92) não conseguiu explicar a disparidade entre os personagens real e actual. Coleridge, em 1829, assombrava-se ante o Shakespeare que elle poude recompôr com os pedaços que a Historia nos trouxe. E não têm faltado outros criticos e biographos que deparam com resultados diversos das parcelas enfileiradas para a somma.

Houve em Stratford-on-Avon uma familia Shexper, nome vulgar e espalhado, como possível corrupção de Shakespeare. A fama do apellido não era satisfactoria. Em 1487, Hugo Shakespeare, substituiu o nome, quando cursava o Merton-College em Oxford, porque *vile reputatum est*.

Houve um William Shexper que se baptizou em Stratford em 26 de abril de 1584, data que é confundida como de seu nascimento. E veio morrer onde nascera, a 23 de abril de 1916.

O que delle se sabe é que era meio-analfabeto. Nunca escreveu seu nome com a mesma graphia. Nos registos de Stratford-on-Avon ha nada menos dumas vinte assignaturas. Cada uma dum geito. Bebedor, jogador, jogral desabusado, femeeiro, casado e com tres filhos, abandonou a familia e desapareceu. Hoje indica-se em Stratford a casa da «mulher de Shakespeare», a «Anne Hathaway Cottage», indice do abandono e da solidão em que viveu a esposa do dramaturgo.

Depois reapareceu em Londres guardando cavallos às portas dos theatros. Passou a «garçon de coulisses» e finalmente foi actor. Actor mediocre e banal, nunca figurou na primeira plana dos comediantes de sua epoca. Nenhum biographo teve a coragem de dizel-o bom actor. As supposições de ter elle encarnado as grandes figuras «shakespeareanas» nunca tiveram base. Ao inverso de Molière e do portuguez Gil Vicente, Shakespeare não sabia personalizar o que escrevia... se escrevia. Vivia o autor-actor muito mais de emprestimos-a-juros, numa casinha de Silver Street, do que de palco e declamação. Em 1612 ficou rico mysteriosamente. Abandonou Londres e regressa a Stratford-on-Avon onde comprara casa, installara conforto e prepara um final commodista ao seu resto de vida. Não mais escreveu. Nem se interessou pelas actividades intellectuaes em que fora mestre.

Era um homem vivo, alegre, pilheriador, bom conviva, optimo companheiro de copo e prato, sabendo anedotas, fazendo rir. A condessa de Sou-

thampton (o marido foi um dos grandes protectores de Shakespeare) informava ao marido que Shakespeare em Stratford era conhecido, pela sua despreocupada jovialidade, por « Falstaff ».

Esse aventureiro arrebatado, alacre, cuja conversa diz ser apenas um bom viver, um velho *reitre*, especie de *lasquet* duma Londres elegante, aproveitador de misérias e explorador de vícios, será o autor do *Mercador de Venesa*, de *Romeu e Julieta*, de *Macbeth*? Não é possível...

Durante o seculo XIX o dramaturgo de Stratford-on-Avon foi delirantemente admirado e seus estudiosos desviaram-se intelligentemente do cotêjo historico. Melhor é examinar a bibliographia shakespeariana que desenterrar o autor. No seculo XX os biographos enfrentaram o thema e a controversia se iniciou. E continúa...

Sir Edwin Durning-Lawrence publicou um livro de erudição para provar que tinha sido o lord-chancellor Francis Bacon, visconde de Santo Albano (1561-1626), o autor da maioria das obras de Shakespeare. Esse livro — *Bacon is Shakespeare* (Londres, 1910) despertou outros em resposta ou solidariedade. A razão maior é a decifração cryptographica de vinhetas dos livros de Shakespeare que são indicações pessoas, confissões e peculiaridades de lord Bacon. Numa das peças, a *Love's Labour's Lost*, (1594) ha uma palavra indecifrável, denominada mesmo a *long word. E' honorificabilitudinitibus*. Sir Durning-Lawrence explica que a phrase constitui apenas um anagrama de *hi ludi F. Bacon nati tuiti orbi*. Ainda ha quem, na Inglaterra, esteja teimando ter lord Bacon escripto os dramas de Shakespeare.

Um grupo de eruditos escolheu o conde de Southampton como o legitimo responsavel material pela gloria de Shakespeare. Sir Henri Wriothesley, terceiro conde de Southampton, (1573-1624), fidalgo letrado e mundano, protector de poetas, actores e dramaturgos, foi um dos maiores, se não o maior animador de Shakespeare. De uma vez presenteou-o com mil libras esterlinas. Affirmam que Shakespeare foi o testa-de-ferro do nobre Southampton, assignando os trabalhos que o conde escrevia.

Para complicar o problema existe o mysterio dos *Sonetos* publicados como sendo de Shakespeare e que de fórma alguma pertencem ao seu estylo, predilecções e tendencias. Na collecção destes sonetos, o pseudo autor dedica-os a um « Mr. W. H. » a quem denomina *to the onlie begetter of these insuing sonnets Mr. W. H.* As letras W. H. são as iniciaes de Southampton ás avessas. Quando Shakespeare, em 1594, dedicou a sir Henri Wriothesley o seu poema *Lucrece*, fel-o em termos duma gratidão suspeita: — *The love I dedicate to your lordship is without end... What I have done is yours; what I have to do is yours; being part in all I have, devoted yours.*

Sir Henri Wriothesley, pelo brilho verbal de seu espirito, seu curso notavel em Cambridge, sua desenvolta, actualizante e prestigiosa personalidade, teve invulgar realce na cõrte e foi um dos partidarios do conde d'Essex, e favorito do Rei Jacques 1.º Shakespeare foi amplamente subvencionado por elle mas a razão occulta seria sua complacencia em assumir as responsabilidades pela litteratura do altivo terceiro conde de Southampton.

Um historiador belga, Celestin Demblon, professor na Universidade de Bruxellas, encontrou outro synonymo para o renome de Shakespeare, outro autor, autentico e real, dos trabalhos do dramaturgo. Foi sir Roger Manners, quinto conde de Rutland (1576-1612), alumno distincto em Cambridge onde estudou profundamente a Historia, a linguistica e a philosophia. Viajou pela França e Italia e foi, como Southampton, um dos amigos do conde d'Essex e, concomitantemente, um dos predilectos do Rei Jacques 1.º Rutland conseguiu um brazão d'Armas para Shakespeare, a divisa « Non sanz droict », deulhe dinheiro e deixou-lhe, por testamento, quarenta e quatro shillings de ouro por *service semi-professionnel*, conforme a leitura directa de Celestin Demblon. Rutland morreu aos trinta e seis annos, em pleno fastigio social. Depois de sua morte Shakespeare deixou de escrever. Diz Demblon: — *en cette même année 1612, le cabotin « Shexper » cesse de produire (ou plutôt de signer), pour entrer dans l'ombre et l'oubli.*

O professor Demblon mostra a serie duvidosa de coincidencias entre as viagens de lord Rutland e os themas dos dramas de Shakespeare. Em Cambridge teria escripto o *Henry VI* (primeira e segunda partes) publicado sem nome de autor em 1592. Depois da impressão de *Venus and Adonis*, dedicado ao seu intimo lord Southampton, Rutland seguiu para Italia em 1596. Demorou-se em Paris onde foi recebido por Henrique IV de França. Aparece o *Love's Labour's Lost* cuja scena se passa « na cõrte do rei de Navarra ». Na Italia sir Roger Manners estuda os habitos e as paizagens de Padua, Venesa e Verona. Nascem dahi *The Two Gentlemen of Verona*, *The Merchant of Venice*, *Romeo and Juliet*.

Voltando á Inglaterra, dezoito mezes depois, Rutland encanta a Cõrte de Saint-James pelos dotes seductores de sua cultura luminosa. Casa-se com uma filha de sir Philippe Sidney (1599) e a rainha Isabel o nomeia Intendente do districto florestal de Sherwood (1600).

Surgem as pastoraes *A Midsummer Night's Dream* e *As You Like It* no mesmo anno. Amigo do conde d'Essex, Robert Devereux, Rutland, para ajudar a ambição do amigo, escreve dramas politico-historicos. E' a vez de *Richard II*, de *Julius Caesar*. A rainha, sabedora da conspiração, reage. O conde d'Essex é decapitado em 1601. Rutland, condemnado a uma grande multa, é exilado um anno para fóra de Londres. Melancolico, pessimista, abatido, sem illusão e sem animo, reflecte seu estado de espirito o *Hamlet* neste 1601.

A rainha morre e Jayme da Escossia sobe ao throno da Inglaterra. Os amigos do conde d'Essex estão na plenitude do prestigio social e palaciano. Rutland é enviado como embaixador á Dinamarca. De volta dá a segunda versão do *Hamlet* (1604). Em 1606 e 1607 escreve *Macbeth* e *King Lear*. O rei manda-o dirigir a intendencia de Mansfield, de Grantham e de Birkwood-Park. Novamente reapparecem os dramas de enredo sylvestre, hymnos à natureza. E' *Cymbeline*, é *The Winter's Tale*. Passeia até o archipelago dos Açores em 1611. E' *The Tempest*...

William Shakespeare, para Demblon é, desde

1598, um simples *prête-nom*, um *homme de paille* de sir Roger Manners, conde de Rutland.

Até 1598 nenhum trabalho de Shakespeare havia sido publicado com seu nome. Quando appareceu *Richard II* a rainha ficou furiosa e mandou procurar, na Côrte, o autor da peça. Havia mais de cem fidalgos poetas derredor do throno. De quem desconfiar? Para enganar a soberana *on dépista en lui jetant le nom d'un obscur acteur qu'on baptisa dramaturge: «William Shakespeare» de Stratford-on-Avon. Heureusement pour ce dernier, il était en tournée au moment du scandale. Quand il revint à Londres, la colère royale s'était apaisée. Rutland acheta le silence de Shexper, qui continua de signer les pièces que son protecteur composait.*

A paixão de Southampton e de Rutland pelo theatro é sabida e registrada pelos seus contemporaneos. Rowland White escrevia a sir Robert Sidney em 1599 — «*My Lord Southampton and Lord Rutland come not to the court... They pass away the time in London merely in going to plays every day*».

Tudo ainda está confuso mas o mysterio é presente. Ha uma desconfiança latente na idoneidade de William Shakespeare para glorifical-o como verdadeiro autor de obras primas. O passado do dramaturgo é revolto pelas lendas que desafiam defesa e prova. Edmund Kerchever Chambers, um culto ensaista de Shakespeare, não deixou de chamal-o *expoacher*. O proprio Marion H. Spielmann, a quem o editor da «eleventh edition» da *The Encyclopaedia Britannica* encarregou de estudar a iconographia shakespeareana, iniciou seu erudito verbete affirmando: «*The mystery that surrounds much in the life and work of Shakespeare, extends also to his portraiture.*»

Mysterio na vida, mysterio nos dramas, mysterio nos retratos. Importa apenas que os livros tenham ficado para sempre. Southampton, Bacon, Rutland, Shakespeare, testa-de-ferro ou creador, vale perpetuamente a existencia dos dramas impereciveis. Para a Historia, sizuda e perguntadora, o homem de Stratford-on-Avon terá as honras anatomicas das pesquisas e das polemicas. Para muitos, a possivel maioria, o real, o necessario, é que *Macbeth*, *Othelo*, *Romeu e Julieta* fiquem ao alcance dos olhos e do coração. Não nos importa que o autor seja Hamlet sonhando ou Falstaff bebendo...

LUIZ DA CAMARA CASCUDO.

— *La Bretagne* é posta em fóco pelo professor René Musset, decano da Faculdade de Lettras de Caen. O trabalho pertence á boa anthropogeographia. Drescrevem-se nelle as accidentadas costas de uma zona de pescadores e lavradores taciturnos. A terra ahi explica o homem, sem necessidade de illações absurdas. Os economistas e sociologos têm muito a aprender nesse livro despretencioso.

— Um conhecido rosso, Henri Hauser, que ensinou na Universidade do Districto Federal, publica *Economie et diplomatie*, e são exactamente as cinco conferencias que pronunciou deante dos seus ouvintes brasileiros.

— Quando lêmos Henri Pourrat, não chegamos a saber direito se elle esereve em prosa ou em verso. Ha um rythmo, uma especie de melodia occulta, nas paginas desse romancista que nos transmite agora *Le secret des campagnes*, contando-nos quanto são attraentes os misteres da gente rustica. O pastor, o lenhador e o oleiro ahi se fazem intimos nossos, sem affectação ou pieguice de qualquer genero

O POETA

Para Jorge de Lima

(Suggestão de um quadro de Santa Rosa).

*Sobre as ondas verdes boiam
os cabellos negros do poeta.
O seu rosto está voltado para o céu,
desafiando ou se conformando com o Infinito.
Sua bocca estaca num rictus zombador
de sua propria Vida...
Seus ouvidos têm todos os acordes máus do mundo
e todas as sinfonias boas.
Nos seus olhos mora o abysmo insondavel do oceano.
Nelle ha o mais antigo e o mais novo.
Sua cabeça fita o céu e zomba da sua propria
Affronta o Sol, e a Treva; [pequenez.
a fortuna e a desventura lhe são indifferentes.
Presidiu o começo das coisas e estará no fim como
Sobre as ondas verdes [uma testemunha de tudo.
os cabellos do poeta boiam.
Seu rosto contempla o Infinito.
E cada vez mais elle se afasta das muralhas da Vida
[e da sombra das Pyramides
porque irá decifrar o segredo das Esphinges.*

WILSON RODRIGUES.

C. de Mello Leitão — *A biologia no Brasil* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Em incisivo prefacio, o professor Roquette Pinto accentua bem o valor deste trabalho. O sr. C. de Mello Leitão é expositor solidô e de muito gosto litterario. Compondo livros ou dando aulas, não afugenta o leitor ou o alumno, não entedia ninguem. Precioso, no momento, o que elle nos diz de chronistas, viajantes, pesquisadores de toda especie que estudaram a biologia no Brasil. Museus, laboratorios e revistas scientificas tudo é attentamente examinado por esse mestre de grande amenidade na linguagem.

Oliveira Ribeiro Neto — *Estrella d'Alva* — S. Paulo.

Eis ahi um lyrico, dos melhores do nosso momento poetico. E' antigo, é medieval, é moderno. Um romantico que não se estagnou em 1830 e já ultrapassou de 1930, sabendo o que vae na vida atormentada de hoje. Quadras e tercetos movimentam-se em suas paginas, nos mais encantadores jogos rythmicos. Conhece elle os Reynos da Lua, mas tambem os sitios terra a terra em que se esforçam no trato da enxada as mãos callosas do lavrador paulista. Canta com os marinheiros, reza com os crentes humildes dos templos bahianos. Que delicia ler um artista destes! Nenhuma farronca revolucionaria no sr. Oliveira Ribeiro Neto, que não se envergonha de querer bem aos sonhadores dos cancioneros lusos e ainda esteve um poemeto á maneira do rei dom Diniz. Tudo nelle é simples e quotidiano. Mas quem póde prescindir do quotidianismo de um pedaço de pão, de um gole de agua?

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166
End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

ESPELHO DE TRES FACES

Não sei viajar sem os meus livros. Por isso a bibliotheca que posuo, seleccionada com cuidado, faz parte integrante da minha bagagem. Para onde vou de mudança, carrego sempre esses amigos seguros. E, como a profissão que abracei não me permite ter morada fixa, claro é que os meus livros levam a mesma vida que eu, de paiz em paiz, de cidade em cidade. Sou nomade por obrigação, e, talvez, por destino; elles são nomades porque os condemnei, egoisticamente, á nostalgia dos meus periodicos desterrados. O que vale é que nos entendemos muito bem...

A bordo de um transatlantico, no banco de um omnibus ou num dormitorio de estrada de ferro, estou sempre acompanhado de livros. Ainda agora, quando parti para o Uruguay, fazendo parte da Missão Cultural que ia offerecer a Montevideo a herma em bronze de Bilac, a minha primeira preocupação foi pensar na valise destinada a esses «meus companheiros». Enchi-a, como si fosse fazer uma grande travessia, de poetas, de romancistas, de historiadores, de sociologos, alguns já conhecidos, já moradores das minhas estantes, outros adquiridos á ultima hora, no José Olympio ou na Casa Moura.

Entre estes figurava um livro de Affonso Arinos de Mello Franco, intitulado *Espelho de tres Faces*, que desejava ardentemente conhecer. Mas quem disse que a leitura era um passatempo tolerado a bordo do «Belle Isle»? Do Rio a Santos tive por companheiro Alcides Bezerra, que me falou sempre das historias da nossa Historia. Em Santos embarcou Guilherme de Almeida, que alem de ser um dos maiores poetas da minha geração, é, tambem, um especialista em aneddotas britannicas... No Uruguay, as conferencias que deviamos fazer e as homenagens que nos foram dispensadas monopolisaram por completo as nossas actividades.

Em resumo: regressei do Prata, depois de mais de um mez de ausencia, sem ler nem mesmo o *Espelho de tres Faces*.

Estou certo de que assim foi melhor. Uma vez no Rio, a minha vida voltou ao seu rythmo natural. Restituído ao meu trabalho quo-

tidiano, fui tambem restituído ao convívio dos meus livros. Vieram as alegrias (sempre ephemerias) e as desillusões (quasi sempre profundas). Aquellas passaram correndo; estas me levaram ao leito por alguns dias.

Logo que me senti mais forte, procurei a commodidade de uma bôa poltrona de couro e abri o livro de Affonso Arinos de Mello Franco. E fui lendo. De quando em quando, para não fatigar muito a cabeça, repousava os olhos na imagem do Christo Redemptor, que, do alto do Corcovado, abençôa a nossa terra. E continuava a leitura, dominado por uma sensação deliciosa, transportado por um doce encantamento, liberto de falsos preconceitos, sentindo um grande desejo de ser justo e de ser bom, alegre e feliz como si fosse um passaro vadio, pulando de galho em galho...

Quando virei a ultima folha — bella pagina sobre mestre Humberto de Campos — não me contive e exclamei, em voz alta, para mim mesmo: magnifico livro! E incontinenti, como uma satisfação á minha consciencia, assumi o compromisso de escrever a seu respeito uns rapidos commentarios.

Embora muito jovem ainda, Affonso Arinos de Mello Franco é um dos espiritos mais claros e mais harmoniosos do nosso tempo. Porque seja um seductor de almas (o que faz sem sentir), sua palestra, amavel e macia, é um regalo para os ouvidos. Pois o escriptor deixa longe o «causeur»: tem mais vivacidade, mais finura, mais colorido, mais ironia — uma ironia vagamente maliciosa, que me lembra, por vezes, certas tiradas do Eça, certas phrases de Nabuco.

A harmonia do livro começa pelo seu titulo. Porque *Espelho de tres Faces*? Porque nas suas paginas se encontram tres especies de escriptos: ensaios, chronicas e perfis. E em todos elles — o que é admiravel — o autor se mostra um observador seguro do mundo contemporaneo, tirando de cada facto uma lição, descobrindo em dado caso a philosophia exacta que elle comporta.

Sua evocação de Jean-Jacques Rousseau é um verdadeiro poema

em prosa. Atravez das suas linhas, revivemos na imaginação o homem que levou quarenta annos para descobrir os seus incomparaveis dons de escriptor — aquelle que escreveu a *Nova Heloisa* e o *Contracto Social*, aquelle que passou a vida a sonhar, confundindo a sua figura com as paizagens bucolicas do Lemman, cultivando para a immortalidade os seus complicadissimos amores com Mme. de Warens. E pensamos tambem que «o grande mau gosto da posteridade está em julgar».

Só podem ser tomados a serio os escriptores que comprehendem a sua epoca ou os genios que a ultrapassam. E esse foi o caso de Jean-Jacques, para o qual a salvação dos povos pela democracia constituiu a mais linda das illusões. Ah! como tem razão Affonso Arinos de Mello Franco em revoltar-se deante da facilidade imbecil com que certos juizes, de uma autoridade afoita e excessiva, «declaram erradas as idéas das gerações anteriores, que produziram mau resultado»? Si elles pensassem um instante na lei natural da evolução, quantos erros evitariam!

O autor de *Espelhos de tres Faces* é um escriptor que sabe reflectir e que sabe pensar. As idéas vêm depois. Compreendeu elle, portanto, de modo perfeito, o famoso conceito de Georges Duhamel, em *La Pierre d'Horeb*, segundo o qual «avoir des idées c'est une façon de ne rien savoir».

As idéas, diz o grande criador de Salavin e da familia Pasquier, são fardos mortos, de transporte difficil, que impedem o viajante de caminhar depressa e de ir longe. «Basta-lhe saber reflectir sobre todas as cousas. As idéas impedem de reflectir.»

Affonso Arinos de Mello Franco enquadra-se no axioma duhameliano. Sente-se em todos os seus trabalhos o estofo de um pensador fecundo. Gosto das suas reflexões porque ellas são justas e sobrias. Sabe elle que uma palavra dita no momento opportuno tem a virtude de fixar uma impressão para sempre. E', na phrase de René Boylesve, a *palavra que illumina*.

Seus ensaios sobre *Poesia, 1936*, e *Manuel Bandeira ou o homem*

contra a Poesia, são de rara beleza. Li-os e reli-os imediatamente. E' tão bom a gente sentir-se em comunhão de espirito com um homem que tenha talento e que saiba escrever! Como não applaudir o joven escriptor quando affirma que «o poeta é hoje quem espelha, na sua alma microcosmica, as occorrencias tristes de um mundo que desabou no apogeu de tanto orgulho»? Como não concordar com a sua affirmativa de que «foi a nossa geração a que descobriu o Brasil, por intermedio da Poesia?» Não representa o poeta de *Libertinagem* o caso typico do homem que acompanhou pela poesia a evolução do seu tempo?

Nas suas chronicas, como nos seus perfis, Affonso Arinos de Mello Franco é sempre interessante, e, não raro, imprevisto. Todos os themas lhe servem, porque de todos tira elle o que é essencial que apreciemos por intermedio das suas observações. Seu progresso é evidente. Seu estylo se aperfeiçôa de livro para livro.

Balzac, a proposito de Napoleão, exclamou certa vez: «Que homem! Fez tudo, conquistou o mundo inteiro, e o representam de braços cruzados!»

Ha em *Espelho de tres Faces* uma bôa quantidade de «boutades» dessa marca, o que prova que o seu autor pertence ao numero dos escriptores de valor proprio, daquelles para os quaes as grandes aclamações não têm longos echos. O que lhe importa é ler, estudar e trabalhar em silencio, indifferente ás palmas das platéas ignorantes e á insinceridade dos elogios interesseiros.

Vejam os este retrato da saudosa condessa de Noailles: «Rumena de origem, nascida princeza Bracovan, a escriptora soube unir á força de um velho sangue aristocrata o encanto luminoso de uma alma grega e o puro fulgor de um espirito francez. Os seus versos são impregnados do mesmo grave encanto, cheio de ingenuidade, que tinham as virgens coroadas de flores, quando dansavam sobre os tumulos». Não é perfeita essa pintura do grande poeta de *L'Honneur de souffrir*?

A nota mais sympathica, mais característica de Affonso Arinos de Mello Franco é a commovida e envolvente ternura com que nos fala das nossas cousas e dos nossos ho-

mens, das nossas cidades e das nossas fazendas. Sua descripção do Rio é um primor de subtileza. Suas palavras sobre a vetusta e pachorrenta Sabará têm o sabor de um cambucá muito doce, mordido ao sol de pittoresco pomar: «As casas sobem as ruas uma atrás das outras, bem direitinho, vestidas de branco e azul, como as meninas, no dia de procissão».

Têm a mesma delicadeza, o mesmo tom de caricia as paginas sobre Itabira do Campo, sobre os poetas da Arcadia Ultramarina, «futuros martyres da idéa de um Brasil livre», ou ainda Bernardo de Vasconcellos, Alphonsus de Guimaraens e Carlos Chagas.

Affonso Arinos de Mello Franco, que é, acima de tudo, um estudioso e paciente pesquisador de tudo quanto diz respeito ao Brasil, aplica, com muita graça, umas agudas alfinetadas nos criticos que têm a mania de discordar dos autores cujas obras analysam e nunca revelam os seus pontos de divergencia. E' possivel que tenha razão.

De caso pensado, porém, vou imitar esses criticos... Em primeiro lugar, por que estou quasi sempre de accordo com os pontos de vista do brilhante escriptor (maximé quando nos diz elle que a vida intellectual é a unica coisa importante neste mundo, ou quando nos assegura que o poeta moderno é simples e sem maldade); em segundo, pelo prazer innocente de receber tambem uma alfinetadasinha, divergindo varias vezes do seu modo de julgar e teimando em calarme...

OSORIO DUTRA.

Edição Ariel:

GERMANA

Romance de
VICTOR AXEL

NOVIDADE

Eugenio de Castro — *Geographia linguistica e cultura brasileira* — Rio.

O littoral e o sertão, a geographia do gado, a das bandeiras, a da canôa, o elemento negro, aspectos da nossa formação cultural: toda uma encyclopedia em synthese admiravel. Homem que Capistrano de Abreu applaudia e cujo nome Tristão de Athayde menciona sempre entre louvores, o sr. Eugenio de Castro vive nas bibliothecas a indagar do que occorreu no Brasil de todos os tempos. Marinheiro, publicou as suas impressões de viagem e refez, em commentarios immortaes, o itinerario de Pero Lopes de Souza através do Atlantico. De uma probidade sem macula em materia intellectual. foge ao convivio dos fabricantes de gloria ephemera e nunca ninguém o viu pedir elogios a quem quer que fosse. A sociedade destinada a reverenciar a memoria de Capistrano é quasi inteiramente obra sua. No desejo de que o Brasil venha a possuir realmente o seu dictionario, o seu Webster, tem nos ultimos annos desenvolvido uma energia mental que parece exceder do esforço de uma só creatura. Esta *Geographia linguistica* é uma especie de programma do que elle poderá realizar de decisivo nesse terreno, á frente de um grupo de litteratos e cientistas.

Manuel Bandeira — *Poesias escolhidas* — Civilização Brasileira — Rio.

Da obra de Manuel Bandeira nada pôde ser desdenhado e não ha mal nenhum em percorrel-o na integra. Mas, como até para os grandes europeus os editores preparam sempre um volume de produções escolhidas, este florilegio encerra a sua utilidade e alegra-nos reencontrar aqui tantos versos admiraveis que haviam sido o nosso enlevo nas horas em que ninguém lê prosa, em que só nos é grata a linguagem alada dos Shelley e dos Verlaine.

José de Osorio de Oliveira — *Aventura* — Parceria Pereira — Lisboa.

«Um brasileiro de Portugal», foi como Agrippino Grieco chamou ao sr. José Osorio de Oliveira. Com effeito, poucos como elle nos estudam e estimam na Europa. Conhece-nos mais do que se aqui vivesse e divulga-nos lá por fóra com uma intelligencia de que a sympathia nunca está ausente. Seu *Espelho do Brasil* não nos deforma nem tambem nos embelleza demais: é o melhor dos julgamentos, num adoravel equilibrio de espirito e sensibilidade. Quanto aos seus dons de evocador de almas em forma romanceada, o sr. José Osorio já os demonstrara na biographia de Garrett, de uma feliz articulação nos elementos de ambiencia, de psychologia, de estylo. E esta *Aventura* é a aventura da vida de um homem sequioso sempre do distante, do não-visto, enfarado logo do que vê, do que tem perto. As paginas sobre o Rio de Janeiro e a Piratininga de hoje foram escriptas por alguem que é quasi um irmão nosso e nunca deixará de trazer nos olhos as paizagens e as mulheres cariocas e paulistas. Outro bello livro: *Um fio de musica*, da sra. Rachel Bastos, que recebemos igualmente de Lisboa. Muito melodioso sempre. Beethoven, o luar, o amor... Andou bem quem assignalou ser a romancista de agora «uma cantora para quem escrever é outra fórmula de cantar».

MANUEL QUERINO

Neste movimento de actual interesse pelo problema do Negro, no Brasil, não pode ser esquecida a contribuição de Manuel Querino. Depois do longo periodo de silencio que desabou sobre a obra de Nina Rodrigues — quasi dois decennios! — a unica voz que se levantou, cheia de enthusiasmo e de emoção, em defesa do Negro brasileiro, foi a de Manuel Querino, falando na Bahia, da contribuição do africano á civilização brasileira.

Sem o rigor methodologico e a erudição scientifica de Nina Rodrigues, foi, comtudo, Manuel Querino um pesquisador honesto, um trabalhador incansavel, impulsionado por aquelle interesse insuspeito que provinha das suas proprias origens africanas.

Como o exemplo de muitos outros Negros illustres do Brasil, desejou elle proprio conhecer as raizes remotas da sua filiação e da sociologia do Negro brasileiro: religião, costumes e tradições, folk-lore, sobrevivencias sociaes, culinaria...

Asua memoria sobre *A raça africana e seus costumes na Bahia*, apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Geographia, é «um dos mais consideraveis que temos sobre a raça africana no Brasil», como o julgou João Ribeiro. E com razão. Porque, apesar das falhas, e algumas de certa gravidade, que tiram a esse trabalho o cunho rigorosamente scientifico, elle permanece como um dos marcos mais solidos de documentação honesta sobre o Negro no Brasil.

Muita coisa mesmo que tinha passado despercebida ao proprio Nina Rodrigues, não escapou ao olhar investigador do modesto professor negro que nos desvãos ignorados do candomblé do Gantois ou directamente em sua residencia no Matatú Grande, se rodeava de velhos africanos, paes e mães de santo, que o fizeram senhor dos mysterios das suas praticas religiosas e magicas, das tradições do continente negro aqui diluidas, ou dos segredos desta culinaria esquisita que impressionou a infancia, o paladar brasileiro.

Manuel Querino ouvia-os com uma immensa sympathia humana, a mesma sympathia que o congregou na campanha da abolição, ou nos movimentos de defesa dos fracos e dos humildes, na velha capital bahiana.

Amou profundamente o passado e as tradições. O seu livro *A Bahia de Outr-ora*, escripto sem preocupações de sociologo, é um magnifico repositorio de observações de todo um passado da vida social bahiana. Muita coisa terá o estudioso a colher nesta interessante documentação: sobrevivencias africanas, autos populares, vida social no seculo passado, multiplas questões sociologicas a que apenas teria que dar uma nomenclatura scientifica: mobilidade social, distancias sociaes, problemas de casta e de classe, *color line*, assimilação, acculturação... que sei mais? O que outros fizeram com relação a differentes sectores da civilização brasileira, fêl-o Manuel Querino, na Bahia, modestamente, sem alardes, sem exhibição scientifica, mas com os mesmos propositos de analyse das relações de raça e de cultura, principalmente

entre o africano e o luso-brasileiro, na nova sociedade em formação.

Por isso tudo, *A Bahia de Outr-ora* deve constituir um dos livros classicos, para o conhecimento dos problemas de origem e formação da vida social e familiar, no Brasil. Os outros trabalhos seus, sobre problemas culturaes e sociaes, giram em torno destes dois estudos citados. *O colono preto como factor da civilização brasileira*, *A arte culinaria da Bahia* e outros artigos de menor porte, accentuam a contribuição do africano na obra de formação da sociedade brasileira.

Manuel Raymundo Querino nasceu a 28 de Julho de 1851, na cidade de Santo Amaro, na Bahia. A sua infancia foi attribulada, como aliás toda a sua vida. A epidemia de 1855, em Santo Amaro, levaralhe os paes. Foi confiado aos cuidados de um tutor o professor Manuel Correia Garcia, que o iniciou nas primeiras letras.

Tendo apenas o curso primario, Manuel Querino lançou-se á aventura, aos 17 annos, alistando-se como recruta, viajando pelos sertões de Pernambuco e Piauh, e ahi unindo-se a um contingente que se destinava ao Paraguay, em 1865.

O seu physico franzino não lhe permittiu, porém, como era o seu desejo, combater nos campos do Paraguay. Ficou no Rio, onde, por suas habilitações, ficou empregado na escripta do quartel, a que pertencia. Em 1870, foi promovido a cabo de esquadra, e logo depois teve baixa do serviço militar.

Voltando á Bahia, começou a trabalhar nas fainas modestas de pintor e decorador. Sobrava-lhe tempo, porém, para estudar francez e portuguez, no Collegio 25 de Março e no Lyceu de Artes e Officios, de que foi um dos fundadores. Com as suas habilitações para o desenho, matriculou-se na Escola de Bellas Artes, onde se distinguiu entre os primeiros alumnos. Obteve o diploma de desenhista em 1882. Seguiu depois o curso de architecto, com aprovações distinctas. Obteve varias medalhas em concursos e exposições promovidas pela Escola de Bellas Artes e o Lyceu de Artes e Officios.

Distinguiu-se no magisterio, exercendo os cargos de lente de desenho geometrico no Lyceu de Artes e Officios e no Collegio dos Orphãos de S. Joaquim.

Interessou-se pela politica. Foi republicano, liberal, abolicionista. Com Virgilio Damasio, Lellis Piedade, Spinola de Athayde e outros do grupo da sociedade Libertadora Sete de Setembro, assignou o manifesto republicano de 1870. Fundou os periodicos *A Provincia* e *O Trabalho*, onde defendeu os seus ideaes republicanos e abolicionistas.

Combateu, na Sociedade Libertadora, e em outros nucleos, ao lado de Pamphilio da Santa Cruz, director da *Gazeta da Tarde*, Eduardo Carigé, Sergio Cardoso, Anselmo da Fonseca, Frederico Lisboa, Rogaciano Teixeira, Cesar Zama e tantos outros, todos empolgados pela campanha abolicionista, na Bahia.

Manuel Querino foi um dos mais activos trabalhadores do grupo, havendo escripto para a *Gazeta*

da *Tarde*, uma serie de artigos sobre a extinção do elemento servil.

Bateu-se pelas causas trabalhistas e operarias, tornando-se um verdadeiro *leader* da sua classe, em campanhas memoraveis que o conduziram á Camara Municipal. «Ali — escreve um dos seus biographos (1) — foi elle contrario as leis de excepções, ás reformas injustas, descontentando aos senhores da situação, mas ao mesmo tempo ganhando as sympathias daquelles que seriam prejudicados por taes reformas, que apenas serviriam para accomodar a amigos e protegidos da situação dominante. Nessa mesma ocasião formou um bloco com outros e por uma indicação fez voltarem aos seus cargos varios funcionarios dispensados por uma reforma injusta; e isso custou-lhe a não reeleição, retirando-se satisfeito para sua obscuridade, desvanecido de que soubera cumprir o seu dever, ficando bem com a sua consciencia de funcionario publico.»

E assim foi toda a sua vida. No seu modesto cargo de 3º official da Secretaria da Agricultura, soffreu os mais incriveis vexames. Foi consecutivamente preterido em todas as occasiões em que lhe era de justiça a promoção. Esqueciam-no os poderosos do momento. Secretarios e chefes de serviço desinteressavam-se da sorte do Negro, que iria um dia passar á historia do seu paiz. Onde estão todos elles? Quem se lembra de seus nomes? Servirão para se contar apenas, em futuro, a historia do functionalismo no Brasil, functionalismo sem quadros technicos fixos, oscillando entre as vontades dos poderosos do momento.

Manuel Querino foi bem o symbolo deste typo de funcionario medio, trabalhador e cumpridor dos seus deveres, mas sem as garantias desta coisa incrivei que no Brasil foi batizada com o nome de *pistolão*. Dito simplesmente, Manuel Querino foi um funcionario sem *pistolão*.

Foi reformado administrativamente em 1916. Amargurado e descrente, refugiou-se no Matatú Grande, no aconchego da sua familia e dos seus amigos, ou nas reuniões do Instituto Geographico e Historico, onde pontificava Bernardino de Souza, com a palavra sempre cheia de entusiasmo pelas coisas do Brasil. O Instituto Geographico e Historico acolhia carinhosamente o brasileiro descendente de africanos, que tantas paginas decisivas escrevera sobre o destino do seu povo em terras do Novo Mundo. Os homens de sciencia compensaram o que não souberam fazer os homens do governo.

Manuel Querino falleceu a 14 de Fevereiro de 1923. E então os seus trabalhos começaram a ter certa notoriedade na Bahia. Escreveram-se louvores á sua memoria. Os seus biographos contaram a historia do humilde professor negro, do artista devotado ao seu trabalho, do exemplar chefe de familia e amigo dedicado, do defensor das causas dos trabalhadores e operarios do seu nivel, do estudioso das questões do Negro no Brasil.

A 13 de Maio de 1928, inaugurando o seu retrato juntamente com o do grande mestre Nina Rodrigues, a Casa da Bahia prestou-lhe uma homenagem á altura dos seus meritos (2). Justificando essa homenagem, escreveu Bernardino de Souza que foram elles

Nina Rodrigues e Manuel Querino, «até agora na Bahia, os dois maiores estudiosos da raça africana» (3).

Seu nome — falou Antonio Vianna, traçando-lhe o perfil, na occasião — seu nome visceralmente ligado ao problema libertador, intimamente unido ao movimento operario no Brasil, confundido nos maiores ideaes de independencia e de evolução, seu nome ficará para a honra do seu tempo definindo as qualidades elevadas do homem de côr.

«Estudando os seus irmãos, Manuel Querino estudou a si mesmo. Descobrindo riquezas no sangue e na alma do preto, denunciou a materia de que elle mesmo era feito, dessa materia de heroes, dessa materia de fortes»... (4).

Escreveu muitos trabalhos, entre livros, monographias e simples artigos de revista e de jornal. Podemos citar, entre os seus trabalhos principaes: *As artes na Bahia*; *Desenho linear nas classes elementares*; *Elementos de desenho geometrico*; *Artistas Bahianos*; *A raça africana e seus costumes na Bahia*; *O colono preto como factor da civilização brasileira*; *Bailes pastoris*; *A Bahia de outr'ora*; *A arte culinaria na Bahia* (publicação posthuma); varios artigos na *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*: *Noticia historica sobre o 2 de Julho e sua comemoração*; *Os homens de côr preta*; *Um bahiano illustre*; *Os candonblés de caboclo*...

Reuni neste volume, os trabalhos de Manuel Querino dedicados aos estudos de ethnographia religiosa, folk-lore e tradições sociaes do Negro no Brasil e que se poderão enquadrar num titulo geral *Costumes africanos no Brasil*.

Abrangem: a) a memoria *A raça africana e os seus costumes na Bahia*, apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Geographia, realizado na Bahia, em 1916 e publicada no 1º volume dos *Annaes* do mesmo Congresso; b) a memoria *O colono preto como factor da civilização brasileira*, apresentada ao 6º Congresso Brasileiro de Geographia, de Bello Horizonte, e publicada em *separata* na Bahia, em 1918; c) o trabalho posthumo *A arte culinaria na Bahia*, publicado em 1928, por iniciativa do Sr. Alberto Moraes Martins Catharino, em homenagem á familia do saudoso professor; d) excerpts de *A Bahia de outr'ora*, livro publicado na Bahia, em 1922, com o sub-titulo de *Vultos e factos populares*, excerpts em que ha referencias a assumptos negro-brasileiros e por isso reunidos agora com o titulo de *Notas de folk-lore negro*. Nestes dois ultimos trabalhos ha realmente muita coisa de tradições e sobrevivencias folk-loricas, amerindias e branco-européas, peninsulares, mas com o *apport* negro em quasi tudo. Por isso mesmo, não hesitei em inclui-los no actual volume.

Num appendice, inclui ainda a curta nota *Candonblé de caboclo*, publicada na *Revista do Instituto Geographico e Historico*, da Bahia, volume 45.

Muito haveria que discutir e retocar nestes ensaios de Manuel Querino. Os estudos de africanologia tomaram em nossos dias um rumo vertiginoso. Os methodos se aperfeiçoam e ha a preocupação dos herdeiros da Escola de Nina Rodrigues em manter rigidas tradições da escola, no sector dos estudos negro-brasileiros. Manuel Querino, auto-didacta, trabalhando com independencia methodologica, sem liga-

ções directas com as tradições da Escola Bahiana, deixou-se resvalar em falhas e senões que de certo modo tiram a alguns de seus trabalhos, o rígido sabor científico.

Estas falhas convertem-se em merito, porém, se attentarmos nas condições deficitarias em que trabalhou e pesquisou, sem quaesquer meios de ajuda, sem estímulos do ambiente, isolado com os seus segredos e as suas decepções. Fugiu para o estudo dos da sua raça, como evasão. No recondito dos condomblés, auscultando os velhos paes de terreiro do Gantois, elle voltava as costas a um mundo que lhe fôra quasi hostile.

E dahi a immensa onda de comprehensão humana que resalta das paginas da sua obra. Ella deve, por isto, ser publicada sem accrescimos e sem retoques.

Arthur Ramos.

Do Prefacio do livro, no prélo, de Manuel Querino, «*Cos-tumes Africanos no Brasil*», vol. XV da *Bibliotheca de Divulgação Scientifica*.

(1) Gonçalo de Athayde Pereira, *Prof. Manuel Querino. Sua vida e suas obras*, Imprensa Official, Bahia, 1932, pag. II.

(2) *Revista do Instituto Geographico e Historico*, vol. 54, 2.^a parte, pag. 304.

(3) Appendice ao trabalho de Gonçalo de Athayde Pereira, *loc. cit.*, pag. 34.

(4) *Rev. do Inst.*, *loc. cit.*

— Finissima a versão franceza em que Pierre Chardon nos dá a conhecer a *Katrina* de Sally-Salminen. E' uma prosadora do norte da Europa que fala como ninguem dos pescadores que vivem, soffrem e morrem no mais humilde dos misteres, sem uma queixa, uma blasphemia, uma invectiva ao destino. Nada dos marinheiros bem envernizados de Loti. A reprodução do real, apenas aviventada por uma ternura de quem parece conhecer de perto as ilhas d'Alland, de quem parece ter participado dos sonhos e das tristezas daquellas existencias sem gloria.

— *Goya*, que pintou tantos fidalgos e plebeus, é admiravelmente retratado num livro de Georges Grappe. E' este um velho critico de arte e sabe discernir, na obra do grande pintor aragonez, o que é espontaneidade de seu genio e o que é divida para com os seus ancestraes da Hespanha. Goya estudou Velasquez e o Greco, sem se deixar influenciar muito pelos pintores galantes da França do tempo, se bem que os francezes, especialmente Courbet e Manet, viessem mais tarde a inspirar-se bastante nelle. Suas Majas e Manolas são de uma voluptuosidade meio perversa, mas nos Caprichos é que vemos direito as tragedias concentradas deesse homem que o sexo e o orgulho atormentaram tanto.

— *Pour la princesse*, de André Armandy, é a narração do que fazem na Africa, no Atlas Marroquino, pobres officiaes francezes absolutamente alheios á idéa de se tornarem épicos, de figurarem em legendas romanticas.

— Mais um livro dos irmãos Tharaud: *Alerte en Syrie*. As paizagens são bem traçadas, mas até os economistas se interessarão por este trabalho, em que ha felizes observações quanto aos negocios da França em terras do Oriente.

— *Les Juifs* é uma collectanea que reune quatorze colaboradores. Do lado dos catholicos, dos thomistas, vemos Jacques Maritain e, no rol dos judeus confessoes, encontramos André Spire e René Schwob. Entre outras coisas, discutem-se ahi longamente o anti-semitismo e o sionismo.

— A seducção dos climas africanos é visivel no livro de Jean-Marcel Boshard: *Ces routes qui ne mènent à rien*. Mais um civilizado que se enfarou da poeira e da lama de Paris e foi inspirar-se do outro lado do Mediterraneo.

TERRA DO BRASIL

*Il vento muove le lucide frange
dei cespi di banani
e molle inclina
i serici pennacchi del bambú.
Langue intorno il silenzio. L'urubú
nero volteggia al sole
e a larghe spire
agile dipana
il gomitolito fitto del silenzio.
Un gallo canta:
e la campagna appare
supina, inebriata di languore.
Dal cielo opaco il sole
nuovo ed immenso
colà sui campi rivoli di perle,
sulle balze sinuose e i freschi
colli gonfi di umoré e i floridi pendii.
L'aria sfavilla. La terra feconda
s'accende di bagliori.
Nasce un mondo in un fremito di luce.*

Atibaia, Natale del 1937.

MARIO ALESSANDRINI.

— *Le 49e. Pêché*, de Marcel Hemon, é, no entender de Maeterlinck, «uma criação entre o sonho e a vida» e faz pensar nas visões miraculosas do *Grand Meaulnes*, obra typica no genero.

— Não cessarão tão cedo os volumes sobre o maior dos fabulistas. Agora é Auguste Bailly quem estuda *La Fontaine*, fazendo-o com amenidade, com essa especie de amizade amorosa que empolga todos aquelles que tratam do Bonhomme.

— Quem quer que se proponha a ler um livro raro nas casas que o governo francez franqueia ao publico, ou mesmo em estabelecimentos particulares onde ha um bom logar para a cultura, deve percorrer *Le guide pratique des bibliothèques de Paris*, de Jules Cain, um bom discipulo de Paul Lacroix.

— Autoridade respeitada em assumptos de litteratura allemã, Henri Lichtenberger lança o primeiro tomo do seu trabalho sobre *Goethe, la personnalité, le savant, l'artiste*.

— Está sendo bastante discutido em França o conto philosophico *La machine à lire les pensées*, de André Maurois. E' uma narração de character phantastico, mas com uma finalidade critica á vida. Entre Voltaire e Wells...

— A memoria de Eugène Montfort, romancista e jornalista, vem de ser affectuosamente exaltada num numero especial de *Les Marges*, famosa revista fundada por elle. Cooperaram nessa homenagem Louis Bertrand, da Academia Franceza; Tristan Bernard, comediographo; André Billy, critico litterario; Pierre Camo, poeta, e varios outros.

— *Raphael* inspirou um volume substancioso a François Fosca. Cincoenta heliographias, muito bem trabalhadas, acompanham o texto, dando aos artistas e mesmo aos leigos em pintura uma sensação exacta do que vale o mestre italiano.

Novidade ARIEL

de R. A. GUZMAN

CIUME

5.^a edição — 12.000 exemplares

Traducção de GASTÃO CRULS

« SERENIDADE »

Mais um livro de versos de Osorio Dutra! Mais um livro de versos que o incansavel poeta acaba de offerecer aos seus admiradores, como presente de Anno Novo.

Serenidade é o titulo dessa collectanea. Traduz, certamente, o estado de alma do seu autor, que, com a sua publicação, vê mais uma vez consolidada a sua reputação de poeta inspirado, festejado por quantos se interessam, entre nós, pelo pensamento e pela arte.

E' sobremaneira consolador pensar que ainda existem creaturas, taes como o poeta de *Serenidade*, que fazem de sua arte um ideal de todos os instantes, inteiramente á margem dos mesquinhos interesses materiaes. Creaturas que vivem de verdade o seu sonho de belleza, seguindo, sem desfallecimentos nem tropeços, o caminho escolhido.

E' elle proprio quem nos diz:

*Trabalho! Pão do espirito! Meu vicio
Dos dias tristes e das noites longas!*

E, um pouco adiante:

*Não me pertença, pois vivo
Astralizado em meu sonho,
No mundo azul da poesia.*

Espirito de formação nitidamente parnasiana, Osorio Dutra vem ensaiando ultimamente todos os generos, desde a forma classica até o verso livre. Mas, mesmo quando verseja de accordo com os moldes modernistas, nunca chega a ser desarticulado ou extravagante, ao contrario do que acontece com a maioria. Comtudo, é no soneto que a sua musa atinge a plenitude, é no soneto que surgem os seus pensamentos mais altos, os seus versos mais harmoniosos.

Sob o titulo de «Arte Velha», Osorio Dutra publica, em «Serenidade», dezenove sonetos excellentes. Dentre todos, destacaremos, pelo pensamento e pela forma, «Nós, as abelhas», «A dor de pensar», «Eterno thema», «Serenidade», «Pão de cada dia» e «Esplendor».

Seu entusiasmo por Martins Fontes torna-se bem visivel nos seis sonetos que lhe dedica. O ultimo da serie assim termina:

*De longe (a dôr mais funda me angustia),
Ao dizer-te, chorando, o ultimo adeus,
Sinto vir a apothose do teu dia!*

*Eterno, viverás nos versos teus,
Que, para o templo da immortal Poesia,
Foste mais dô que um genio, foste um deus!*

«Pudor», «Ave Maria», «Velho Chinez» são outros tantos exemplos da flexibilidade poetica de Osorio Dutra.

Cumpre não esquecer de citar tres magnificas traducções de Baudelaire: «Recolhimento», «O Sino Rachado» e «Os gatos». Nellas, Osorio Dutra demonstra, de maneira bem clara, que nem sempre se justifica a celebre phrase sobre traductores.

Em «Piloto», o poeta traduz os anseios de sua alma inquieta:

*Quizera ser piloto a bordo de um cargueiro
É passar minha vida a partir e a chegar!
Partir para cumprir as leis do meu destino!
Chegar para sentir que um perfume divino
Fez de ti, minha terra, o mais lindo rosal*

Decididamente, «Serenidade» é um bello livro. Mais do que isto: é um livro digno do seu autor, porque digno, em tudo e por tudo, das magnificas obras com que vem enriquecendo o nosso patrimonio literario.

ZULEIKA LINTZ

— E' o prosador E. Grévin quem nos revela os encantos de *Djerba, l'île heureuse*. Fica-se com vontade de ir até lá, em lendo essas paginas relativas a um sitio onde os homens não brigam por causa de religião ou de questões de raça.

— Marc Chadourne é especialista em narrações de character exotico. Como que continúa elle a desdobrar esse espirito aventureiro de certos francezes avidos de experiencias em terras longinhas. Sobre o Mexico escreveu um livro da mais radiosa sympathia. Agora publica um novo romance, *Dieu créa d'abord Lilith*, que tambem decorre muito longe de Paris, em terras mysteriosas da China, paiz sempre fascinante ao qual uma terrivel liquidação de homens está emprestando a mais dolorosa das actualidades.

— Titulo um tanto barbaro é este: *Kalaat Allah, La Forteresse de Dieu*. Trata-se de um romance de M. Bourdon, talvez mais um preocupado em resolver enigmas historicos do que propriamente um imaginoso fixador de almas. Um critico viu certa semelhança entre esse livro, que fala do paiz dos Drusos, e a *Chatelaine du Liban*, de Pierre Benoit. São cavalgadas furiosas pelo deserto e verifica-se, no trabalho de Bourdon, como que a renascença daquelles choques de soldados que atiravam occidentaes contra orientaes.

— Cada vez aumenta mais o numero de escriptoras em França. O estrondoso successo de Colette, mulher de fama mundial, deve ser um vehemente estimulo para todas ellas. Agora é Marie Gevers quem mostra um senso pathetico admiravel ao falar da vida dos camponios opprimidos pela fome, pela doença, pelo amor e pela morte. Os detalhes sobre feiticeiros do campo são traçados com uma mestria que faz pensar nas estampas de Callot. *La Ligne de vie* une a discrição á intensidade nos seus lances mais significativos.

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

«ABC DE JOÃO E MARIA»

Marques Rebello e Santa Rosa são dois nomes dos mais conhecidos da moderna geração intelectual brasileira.

O primeiro é o contista consagrado de *Oscarina* e de *Tres Caminhos* e o romancista victorioso de *Marafa*, livro premiado em concurso litterario da Companhia Editora Nacional.

O segundo é o illustrador mais pessoal que o Brasil conheceu nos ultimos tempos e espirito avançado que vem realizando com uma dedicação e uma capacidade extraordinarias o trabalho de renovação do desenho entre nós. Mas vão além as credenciaes valiosas dos dois conhecidos intellectuaes patricios.

Concorrentes ambos ao Concurso de Litteratura Infantil organizado pelo Ministerio de Educação viram, com toda a justiça os seus trabalhos premiados nesse importante certamen.

Pois bem, foi a esses dois nomes, mercedores de toda a confiança, que a Companhia Nestlé incumbiu da tarefa de organizar uma cartilha para a infancia, cartilha que está sendo distribuida pela conhecida empreza de productos lacteos, por seus innumerados consumidores de todo o Brasil.

Melhor idéa não podia ter occorrido á conhecida empreza. O *ABC de João e Maria*, escripto por Marques Rebello e illustrado por Santa Rosa é, realmente, um trabalho como, no seu genero, ainda não havia sido realizado no Brasil.

Tudo ahi foi organizado de maneira a ser obtido um conjunto capaz de preencher plenamente a sua finalidade. Obedecendo aos mais severos preceitos da pedagogia moderna, essa cartilha é o mais util presente de festas que poderia ser offertado á infancia brasileira.

Vê-se, a um simples golpe de vista, a differença que existe entre esse livro e o commum dos seus congeneres que estamos habituados a encontrar. Nelle não ha a aridez graphica de palavras aglomeradas a esmo, tornando a tarefa de familiarização da creança com os symbolos de escripta um trabalho enfadonho e difficil, do qual ella procura, com razão, fugir,

sempre que é possível. Ao contrario, a simplicidade do typo de letra, a belleza das illustrações, a ordem em que as palavras estão dispostas, tudo no *ABC de João e Maria* faz com que esse livro se torne para a creança um brinquedo a mais, addicionado aos seus brinquedos preferidos. A força de synthese dos desenhos de Santa Rosa, fixando, com absoluta sobriedade de linhas, scenas familiares á creança, scenas que são destacadas por Marques Rebello, em legendas de clareza crystallina, transporta para o papel a vida que a creança tem quotidianamente deante dos olhos, apresentando-a sob um aspecto dos mais atrahentes, interessando-a pela sua poderosa força de suggestão e de realismo.

Outro aspecto muito interessante do trabalho de Santa Rosa e Marques Rebello é a noção de harmonia esthetica que elle semeia insensivelmente no espirito da creança, mostrando-lhe: creanças e adultos, sadios e fortes, vestindo roupas adequadas ao nosso clima, em combinação de côres e de modelos de um muito raro bom gosto.

Nessa parte collaboram tambem a boa disposição graphica do livro e as paizagens ahi fixadas, onde as plantas, as arvores e os animaes que as povoam são familiares á creança, e por ella facilmente identificaveis ao primeiro golpe de vista, interessando, por isso, muito mais. Desse permanente cuidado dispensado pelos autores, que trabalharam em efficiente collaboraçã, aos pormenores geralmente desprezados pelo cõmmum dos organizadores de livros didacticos é que provém a perfeição alcançada no conjunto do *ABC de João e Maria*, livro que, em verdade, preenche totalmente os fins para que se destina.

Falando com sinceridade sobre essa realização não se pode omittir um especial louvor á iniciativa da Companhia Nestlé, principalmente pela acertada escolha que fez, confiando a Santa Rosa e a Marques Rebello a confecção de trabalho de tanta responsabilidade, felizmente realizado com a mais completa proficiencia.

DIAS DA COSTA.

Cesar Bierrenbach — *Producções litterarias* — Curytiba.

Nada mais precario que a celebridade dos oradores. Já se disse que os grandes rhetoricos semeiam flamma's e colhem cinzas. Mas Cesar Bierrenbach, tão ardoroso nos seus enthusiasmos civicos, tão desinteressado nos arranques verbaes com que deslumbrou os contemporaneos, estava a merecer que lhe fixassem o nome, que lhe justificassem, com uma collectanea posthuma, a immensa fama de que desfructou em vivo. E estas allocuções, estas chronicas, estas poesias, estas impressões de viagem, evidenciam não ter sido elle apenas um gargarejador de tropos sonoros. Não lhe faltavam cultura, equilibrio de gosto artistico e certa intuição dos meritos alheios. Falou de Pedro II, Castelar, Hugo, Carlos Gomes, Bilac e tantos outros como alguém que, se chegasse á plena maturidade, não deixaria de appôr uma assignatura gloriosa a livros perduraveis.

D. Thomaz Graf — *Vida benedictina* — Mosteiro de São Bento — Rio.

O autor é benedictino e tem sido professor na Allemanha, na Austria e na Italia. Quanto ao traductor, o abbade Thomaz Keller, serve aqui no Rio. Da obra só se póde dizer que é utilissima, pelos dados que arrola sobre o monachismo e suas relações com a communitate. Trata-se da discricão e elasticidade do espirito dos monges, da objectividade da acção em que se empenham, sem preiuzo da subjectividade meditativa que lhes cumpre manter. Educados para a humildade, mas não para a cobardia, os discipulos de São Bento figuram entre os bons pedagogos, amam a cultura artistica, os estudos classicos e não desdenham das pompas de uma bella liturgia. Valioso o appendice sobre os trabalhos da Ordem no Brasil, reivindicando-se para ella a gloria de haver mandado á America «o chefe da primeira missão pregadora do Evangelho».

Edison Carneiro — *Negros bantus* — Civilização Brasileira — Rio.

Ethnographia religiosa e folk-lore. Gilberto Freyre, Jorge Amado e Renato Mendonça já elogiaram esse autor. E, em materia de estudos afro-brasileiros, um nome que vem logo em seguida aos de Nina Rodrigues e Arthur Ramos. Examinando de perto as populações negras da Bahia, submettendo-se sempre á verdade, em vez de pretender que esta se accommode ás suas phantasias, o sr. Edison quer bem comprehender para bem concluir. Neste volume ha coisas preciosissimas sobre o vocabulario e as credices dos animadores de candomblés de uma região onde quatro seculos de Christianismo não destruíram ainda de todo os mais curiosos mythos e ritos barbaros. Cremos que sobre *Negros bantus* nada existe de igual entre nós. E a parte relativa á capoeiragem, flagello que os cariocas tambem conheceram de perto, afigura-se-nos das mais exactas.

A Poesia de uma Estreante

Nestes tempos de prosaísmo egoístico e de vertiginoso mecanicismo ouve-se de vez em quando a voz estridente dos profetas do materialismo anunciando jubilosamente a morte da Poesia.

Já um poeta revidou a esse falso conceito com esta luminosa e solemne contradicta: «Homens prosaicos, vós é que morreis para a Poesia!»

Mas, ainda mesmo quando entre os homens desiludidos se verificasse o attestado de óbito da Poesia, ella teria renascido no coração feminino, fonte inesgotável de vida, de amor e de sonho.

E' justamente o que vem de comprovar a poetiza Yone Stamato com a sua *Symphonia da Dor*, que nos desperta paradoxalmente essa alegria íntima que sentimos ao contacto das almas soffredoras, illuminadas pela graça da renuncia, de perdão e da bondade.

Fugindo á influencia de certo modernismo hermetico, a poesia de Yone Stamato flúe naturalmente, límpida e cantante, com a frescura e a serenidade das caudae que fecundam a terra e refletem despreocupadamente o brilho dos astros.

Dir-se-ia mesmo que ella se concentra toda, na sua finalidade humana e consoladora, naquelle poema mavelhoso de simplicidade e de expressão evangelica.

OS RIOS

*Sê igual aos rios, sempre, que, rolando
Das montanhas fragosas,
Trazem, cantarolando, a piedade singela,
No cascadear feliz duma renuncia bella,
Um pouco da alegria carinhosa
Que dentro de suas aguas vem cantando!*

*Sê igual aos rios! Banha de frescura
As dores e as paixões...
Ai não queiras pairar nas montanhas do orgulho!
E humilde, igual aos rios, no marulho
Dos versos, espalhando as illusões,
A todos nós darás um pouco de ventura!*

*Fis a alegria maior, oh: venturosa sorte
De não ter ambição!
Sê igual aos rios, que correm risonhos
Para o mar e vão semeando sonhos
E não pedem á terra a flor da gratidão...
— Sê humilde, igual aos rios, correndo para a
[Morte!*

Essa nota humana, tão simples e profunda ao mesmo tempo, caracteriza suavemente a poesia de Yone Stamato, dando-lhe esse cunho natural de espontaneidade, de emotividade comunicativa.

Os seus versos de amor também obedecem ao ritmo natural com que brotam do coração, sem a influencia estranha de qualquer artificio que os possa deturpar ou deformar em sua origem e sua essencia.

*Bemdigo o amor a que ninguém resiste,
Bemdigo o pranto que, magoado e lento,
Nas minhas longas noites de ansiedade
Escorre de meus olhos...
Bemdigo os desenganos e os abrolhos,
Bemdigo os beijos frios da saudade*

*E todo o immenso e grande soffrimento
Que me tornou tão triste...*

Pois não temos nossos versos despreziosos um reflexo de toda a angustia gerada pelo sentimento a que nos agrilha a contingencia humana?

Outros aspectos interessantes da poesia de Yone Stamato ainda seriam dignos de referencia. Quando, por exemplo, as suas mãos delicadas brandem o látigo da indignação e da revolta, como naquelle poema — *Sodoma* — que assim finaliza:

*A Humanidade é escrava do desejo,
Dos vícios e do mal!
E, com horror, eu vejo
Desmoronarem-se os lares,
E, na escola sombria do pecado,
Onde o cynismo é glorificado,
Crescem as creanças junto aos lupanares,
Sem a benção do beijo maternal!*

Num livro de estreia naturalmente nem tudo é perfeito. Nota-se aqui e ali pequenas falhas de technica, de expressão, de bom gosto, mesmo dentro da verdadeira disciplina da simplicidade. Esses senões insignificantes desaparecerão certamente com o evoluir do tempo e do artista. O que é essencial é que não desapareça a naturalidade e a frescura da sua poesia, que nos encanta precisamente pelas suas virtudes nativas.

MARIO VILALVA.

— *Em Victoire à Waterloo*, Robert Aron indaga o que aconteceria na Europa e no resto do mundo se Napoleão houvesse vencido os soldados de Wellington e Blucher. O livro desenvolve-se, como é natural, no terreno da conjectura, mas são muitas as notações de boa philosophia historica que o tornam interessantissimo.

— E' curioso saber como certos estrangeiros, sympathicos ou não sympathicos á França, julgam a figura do vencedor de Austerlitz. Dahi o interesse despertado pelo livro *Napoléon vu par un Canadien*, de J.-B. Boulanger, que, além do mais, é um escriptor de apenas quatorze annos de idade.

— *L'Affaire Fouquet* é relembrado por Etienne Huyard. Ninguém ignora que o caso do ministro decahido do Rei-Sol agitou longamente a França, sendo raros, dos seus antigos commensaes, os que lhe permaneceram fieis na desgraça.

— Cresce cada vez mais o respeito em torno á figura de Richelieu. Os leitores de Vigny e Hugo são, já agora, forçados a convir que o ministro de Luiz XIV foi quem verdadeiramente completou a obra de unificação da França, levada tão longe por Luiz XI. Leiam nesse sentido *Autour de Richelieu*, de L. Battifol.

— O descobridor da America ainda promete dar muito trabalho aos escribas. Marius André atacou-o de rijo, vendo nelle um embusteiro, um aventureiro de quarta ordem, depois de Léon Bloy o haver proposto para o agiologio, para as honras de uma canonização immediata, mesmo sem respeito ás leis que regem os processos de santificação. No momento, são dois autores, C. Giaffri e R. Le Gentil, que pretendem aclarar *Le secret de Christophe Colomb*.

Carta ao sr. Edison Lins

Nos livros maus, ou mesmo mediocres, tudo se deixa passar porque nada tem importancia. Nos livros bons, o mais pequeno deslize, a mais leve contradicção, choca e contrista como um peccado ou uma fealdade.

E' o proprio entusiasmo com que se lê, que prohibe cegueiras e dá olhos bem abertos para ver e condemnar qualquer erro, desses erros em que todos — até os mais sabios — caem de vez em quando.

E' o caso do bello livro do Sr. Edison Lins, *Historia e Critica da Poesia Brasileira*. Bello, mas não de completa belleza: porque é imperfeito.

De resto, seria exigir muito, seria exigencia excessiva, querer que alguém, fosse quem fosse, reunisse num volume sem falhas, a historia e a critica dessa coisa enorme que é toda a producção poetica brasileira de principio a fim.

Porém, apenas me interessa, no livro do Sr. Edison Lins, frizar uma dessas inevitavelmente varias falhas, aquella que mais me chocou: a meu ver — é possivel que me engane — o mais grave peccado que elle cometteu.

Referindo-se a José de Alencar (pgs. III), para mostrar que o autor de *Iracema* é um poeta e não um romancista, argumenta assim o Sr. Edison Lins (transcrevo exactamente, embora me pareça haver nesse trecho alguns erros de impressão, e sublinhando as partes para que especialmente desejo chamar a attenção): «Os velhos conceitos de poesia, de romance e até de sciencia ainda pairam no espirito de alguns criticos brasileiros e dahi tantos disparates de observação que temos lido ultimamente. O romancista requer-se maior proximidade da verdade scientifica, melhor captação do documental, objectivação mais acurada, analyse mais percuciente, critica, prolixidade. Todos estes attributos faltam á obra de José de Alencar. Os seus indigenas não vivem nas florestas deste mundo sublunar, são ethnologica, moral e physiologicamente *irreaes*. Alencar com a sua visão de poeta crêa a sua floresta, a fauna, o homem, o ambiente e tudo o mais conforme a sua realidade poetica que não existem geographically

em nenhuma latitude do globo mas na esfera em que gyra a sua imaginação. *A natureza não informa o poeta mas este deforma a natureza*. O papel do romancista é se conformar com o que a observação da vida lhe dá, *a do poeta a de reformar o aspecto e a essencia das coisas*. A visão do poeta vae além da do romancista a ponto de representar na actualidade a deformação futura que poderá ser reforma.»

Se não fosse facil provar que o conceito de poesia exposto no trecho que transcrevi de *Historia e Critica da Poesia Brasileira* é um conceito errado, seria, pelo menos, muito facil provar que está em contradicção com o dito em muitos outros lugares do mesmo livro. Porém, creio que a primeira prova tambem não apresenta grande difficuldade.

Porque, penso eu, quem tem o papel de reformar, não a essencia, mas os aspectos imperfeitos, nocivos, prejudiciaes, em summa, máus, que nós tenhamos pretendido attribuir á tal essencia de certas coisas, é, não a poesia, mas sim o romance, que condemna, sugere, propõe, o que *não deve ser e o que deve ser*, comquanto não o faça directamente. A missão do romance, sobretudo do actual, não é só contentar-se com observar a sociedade e o homem, mas auxiliar a reforma do que nelles haja que reformar.

Quanto á poesia, acho que deve ser muito difficil convencer alguém de que ella, a verdadeira poesia, confira ao poeta o papel (o dever), ou sequer a faculdade, de reformar a essencia das coisas. Alcançar a essencia de qualquer coisa seria a maior victoria do poeta;

transmittil-a integra e pura, a maior gloria da poesia.

Reformar essencias e deformar a natureza está nos antipodas das attribuições da poesia, cuja principal virtude é a sinceridade absoluta, o dizer tudo, o bello e o abominavel, sem pretender reformar nem deformar coisa alguma. Se se entender por reforma o recolocar no seu lugar de origem (no bom lugar) o que anda transviado e mal perdido, isto é, com o significado de melhoramento que usam arrogar-se todas as reformas, a da poesia não será melhorar a essencia das coisas, porque para tanto — se é que é preciso — não tem o homem, nem sendo poeta, engenho e poder bastantes. Essencias são obras divinas (que cada um dê á palavra divino o sentido que prefere, comtanto que seja um sentido trans-humano, de qualquer principio que transcenda as debeis forças creadoras e cognoscitivas da creatura terrena); e por mais á imagem e semelhança da divindade que sejamos feitos, não temos com certeza vigôr que chegue para com ella lutar pela reforma de essencia de especie alguma, coisa, por definição, tão secreta e misteriosa.

E' bem verdade que muitas vezes a poesia precedeu a sciencia, é bem verdade que o poeta é um sabio. E' bem possivel que um poema seja muitas vezes a primeira pedra duma reforma. Porém, o que a poesia poderá reformar é apenas — e já é tanto! — o que estiver errado no nosso conceito, os pontos em que haja engano de identificação das verdadeiras essencias: é dizer quaes ellas são, e nada mais.

E' natural que não tenha apprehendido o alcance exacto das phrases que transcrevi e sublinhei, ou que esteja em erro na idéa que faço de poesia. Gostaria, nesse caso, de poder desfazer o equívoco em que porventura tenha incorrido; tanto mais que reconheço a muita intelligencia e a grande cultura do Sr. Edison Lins, e considero o seu livro *Historia e Critica da Poesia Brasileira* como um dos mais completos e uteis que possuímos sobre o assumpto.

MARIO BORGES DA FONSECA.

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

ENCARNACION

(DE UM LIVRO DE VIAGENS)

Nem toda a sensibilidade artistica seria capaz de descrever com o verdadeiro encanto o que é o Rio Paraná, na zona em que elle divide a Argentina do Paraguay. Ha ali duas cidades ribeirinhas, uma em cada margem: Posadas, em territorio argentino; e Encarnacion, em territorio paraguay.

As viagens fluviaes são incomparavelmente mais encantadoras que as travessias maritimas. Em geral quando se anseia por uma longa viagem, não é pelo espetaculo do mar; é antes que tudo pela vida de bordo. Todo homem a bordo tem uma predisposição para voltar á vida em familia. O viajante mal humorado que grita com empregados de hoteis, que reclama contra os habitos da cidade por onde está transitando, que é grosseiro com o chauffeur e que esbraveja com o carregador, logo que se instala no interior de um navio, torna-se meigo, afavel, cuidadoso; aceita com prazer os convites para jogar cartas, sociabiliza-se, brinca de prendas... O tom geral de amabilidades é que torna a viagem maritima um encanto, mas não o panorama. Este é imonotono, sempre igual, ás vezes ameaçador. Para um viajante maritimo os factos mais insignificantes assumem grandes proporções: um peixe que apparece, um navio que passa em sentido contrario, tudo serve para fazer afluir os passageiros ao deck.

Os que não virem o peixe ou o navio, ficam humilhados, são olhados com comiseração pelos que virem...

As viagens fluviaes, entretanto, são animadas e festivas. Geralmente viaja-se a uma distancia da margem que permite vêr todo o scenario; são pequenas povoações que enfileiram toda a sua população para vêr o navio; animaes que vêm beber agua, aves de todos os typos, casas isoladas, arvores solitarias e elegantes, enfim: um nunca acabar de cousas que provocam a meditação e que distraem o espirito. A isto deve-se sommar, tambem, a vida encantadora de bordo.

Mas nas condições em que eu viajava de Tacuru-Pucu para Encarnacion, tudo me era indifferente. Jamais abandonei o meu leito, num abafado camarote de 3.^a classe, com a desagradavel companhia de individuos estranhos e inimigos dos banhos hygienicos. Felizmente elles só apareciam para dormir á sesta ou á noite. O resto do tempo eu ficava só, sem palestras, e era um encanto vêr o cabineiro

entrar, periodicamente, com as refeições pobres e mal preparadas.

Um ou outro passageiro vinha saber do meu estado, mas o calor da cabine o afastava de novo. A minha idéia fixa era Encarnacion.

Eu não era o primeiro brasileiro que lá apparecia e como os que chegaram antes vinham evadidos do Paraná, alguns com contas a ajustar na policia, e todos portadores de pequenas quantias em dinheiro, a fama que os exilados desfrutavam era a de homens em condições de serem explorados sem perigo de reclamações. Os agentes do Governo installados na cidade, negavam-nos qualquer amparo official, e no primeiro contacto podia-se vêr no ambiente local um grande antagonismo aos nossos intuitos.

Tudo que necessitavamos era obtido a alto preço; ninguem nos servia amavelmente; O cambio da moeda brasileira fazia-se numa taxa revoltante; hoteis e pensões só recebiam com pagamento adeantado. A prevenção era até certo ponto razoavel: a longa permanencia no sertão havia gasto o que de civilidade houvesse, porventura, no nosso modo de agir.

Desembarquei num entardecer e, tive a triste surpresa de vêr que os hospitaes da terra, isto é, as casas que recebiam doentes (Nenhuma daquellas enfermarias merecia a classificação de hospital) recusavam-se a me acolher, allegando falta de comodidade. Isto decorria do meu aspecto physico, que recomendava pouco. Até á noite não havia conseguido onde pernoitar, e um menino que carregava a minha pequena mala, a cada momento me prevenia de que o seu pagamento estava augmentando, em vista do tempo em que eu o occupava. Naquella época eu ignorava completamente o idioma guarany, — que mais tarde cheguei a usar soffrivelmente — e como o meu guia não conhecia outra lingua, a difficuldade para encontrar hospedagem era maior.

Inutilmente insistia que me levasse a um logar para descansar e dormir. O menino teimava em não entender, embora sempre manifestasse o receio de não receber o dinheiro que eu lhe promettia. Duas ou tres veezs que cruzamos por policiaes, elle falou em voz alta, a meu respeito, garantindo-se para o caso de não ser pago devidamente.

Não procurei, de proposito, os melhores hoteis da cidade: o acanhamento me impedia de buscar aposentos entre pessoas saudaveis e prosperas, e isto fazia crescer a desconfiança do pequeno carregador. Não jantei outra coisa alem duns pães especiaes do Paraguay, conhecidos por «chipás», de sabor pouco agradável.

A febre tirava-me a coragem de viver e o desanimo me invadia atrozmente.

Ao cahir da noite entrei por uma rua de escassa illuminação, e com surpresa vi que uma mulher de apreciavel apparencia me chamava insistentemente. A escuridão impedia-a de divisar a minha figura, e como se tratava duma profissional do amor, dirigia-me convites duma forma automatica, sem saber bem a quem endereçava as suas solicitações. Esta mulher,

Novidade ARIEL :

ARTE DE COZINHAR

de MARIA DE LOURDES

1350 Receitas Diversas

Volume cartonado: 12\$000

por rara coincidência, já havia estado no Brasil, em Foz do Iguassú, onde ha intenso movimento de paraguayos que se destinam aos heruaes do Alto-Paraná. Não vou ao ponto de dizer que ella falasse o portuguez, mas tinha a meu favor a circumstancia de la conhecer outros brasileiros, e saber que somos cortezes e generosos para com as mulheres. Isto foi, aliás, o que ella me disse, ao se inteirar da minha precaria condição. A professional do amor offerece as mais desconcertantes alternativas: assim como esvasia, sem a menor cerimonia, o bolso dum chefe de familia que a procura para variações amorosas, é tambem capaz de offerecer uma grande dedicação aquelle que della se aproxima alheio ao prazer, em busca apenas de caridade.

Este era o meu caso. Pedia-lhe unicamente que me accéitasse como hospede, para um pequeno repouso, allegando a minha prèssa em seguir para Asuncion, já que em Encarnacion não era possivel qualquer tratamento medico. A mulher condeu-se com a minha sorte, e influenciada pela soma em dinheiro que lhe confiei para guardar, não só me recolheu a um quarto dos fundos de sua casa, como forneceu-me alguma medicina apropriada á molestia.

Na mesma casa moravam outras duas jovens, tambem dedicadas ao amor, e como as paraguayas são de grande simplicidade, sem preconceitos ou escrúpulos inúteis, ali passei tres dias, aguardando que o meu estado geral melhorasse. As tres mulheres eram muito relacionadas na cidade e isto fazia a casa viver cheia de visitas. Devo dizer que nenhuma exercia a menor actividade amorosa na propria residencia; neste capitulo tudo era feito em outros logares.

Uma das visitas mais assiduas era um mulato brasileiro, sargento do Exercito, que lá se achava gastando assustadoramente uma dezena de contos de reis, obtidos — segundo elle — no jogo de cartas. Não era ali um simples sargento. Para impressionar as pessoas que o seguiam nas farras, dizia-se capitão auditor de Guerra, somando á patente militar, o diploma de bacharel. Todos o chamavam de capitão-doutor, enchendo-o de orgulho; de resto pagava bebidas aos filantes que surgiam de todos os lados. Eu o conhecia de nome, e como me sympatisasse com o seu ar generoso, procurei manter com elle relações de cortezia; no fim de contas ambos provinhamos duma luta e os nossos temas era idénticos: os mesmos temores e incertezas. Admirava nelle a extraordinaria capacidade de mentir, e posso até jurar que jamais encontrei um mentiroso tão fecundo e tão cuidadoso na arte de ampliar e deformar a realidade. O sargento, por natureza pernóstico, mais se transbordava quando usava o alcool. Começava a mentir e a se gabar tremendamente.

No dia da sua chegada a Encarnacion elle teve um pittoresco incidente com o consul honorario do Brasil, certo commerciante espanhol de importancia secundaria. O Sargento procurou-o pedindo alguns esclarecimentos, mas para impressionar foi perguntando logo.

— Senhor Consul, posso falar em francêz?

— Infelizmente, meu caro senhor, só falo o espanhol...

— Ou então inglez, allemão ou russo?

— Já lhe disse, doutor, que só falo o meu idioma.

O falso auditor de Guerra evitava ouvir as respostas pois o seu intuito era espantar as pessoas que o acompanhavam. Porisso continuou alterado:

— Deixemos de historia; o senhor fala latim ou grego antigo?

E ante a negativa modesta do outro, já humilhado pelo polyglotta, concluiu superiormente:

— Então não ha entendimento entre nós. Não falo espanhol.

Debalde o consul allegou que entendia o portuguez, que elle podia dizer o que queria. O sargento, derrubando cadeiras, saiu da sala como um furacão.

Este facto dá bem as medidas do homem. Pretendia ter cultura e baralhava assumpto com insolencia. As tres mulheres tinham-lhe respeitoso temor, tanto mais que a seu pedido confirmei todas as suas invenções. Eu mesmo o chamava de capitão. Dizia-se democrata e tocava violão com desembaraço, enthusiasmando o auditorio. No intervallo das musicas pagava cerveja a todos: o dinheiro dava-lhe grande arrogancia e usava dos presentes como se fossem empregados. A sua valentia era famosa, e quando não o obedeciam por bem, elle applicava soccos e pontapés por todos os lados, na gloriosa impunidade dos ricos.

Este rapaz ainda vive, e lendo esta pagina ha de se identificar immediatamente. Disseram-me que a mentira por elle forjada ganhou vulto no seu proprio espirito, a ponto de voltar ao Brasil disposto a ser, senão capitão, pelo menos bacharel. Hoje advoga clandestinamente, e porisso com raro successo. As suas «razões finaes» são violentas e amedrontam os adversarios.

Os dias correram mais calmos, graças aos cuidados que na casa me dispensavam. Comecei a balbuciar as primeiras expressões em guarany, o doce idioma dos paraguayos, e as minhas indecisões de principiante encantavam as melheres. Novos emigrados chegavam á cidade, e crescia a prevenção das autoridades. O governo de Asuncion enviara outro corpo do Exercito á fronteira, contando com a nossa intervenção, e os militares nos fiscalizavam com rigor inútil e exaggerado.

Encarnacion formou-se á margem direita do Rio Paraná, num dos seus mais bellos trechos, em frente á cidade de Posadas.

Não podiamos entrar em Posadas, e os exilados vinham todos para Encarnacion. O commercio entre as duas cidades é intenso, feito por lanchas e chatas que ininterruptamente cruzam o rio. Na propria margem argentina os habitos e o idioma são iguaes aos do Paraguay, e os trabalhadores das embarcações nunca sabem ao certo se estão num paiz ou noutra. Do lado argentino ha permanente fiscalização aduaneira, para impedir o contrabando. Este serviço é feito com lanchas armadas de metralhadoras, que seguidamente entram em actividade, prendendo ou pondo em fuga embarcações de contrabandistas. Ha ao longo do rio um numero consideravel de pescadores ou homens ligados ao serviço de pequena cabotagem; tudo contribue para o movimento das duas margens do Paraná, e é aquelle um dos pontos mais procurados pelos visitantes estrangeiros. Os brasilei-

ros gastavam as horas inúteis do exílio em natações e folguetos aquáticos, de preferencia nos pontos onde se reúnem as lavadeiras da cidade, as quaes, devido ao calor e á natureza do trabalho, andavam quase completamente núas.

Mas a vida era insípida e nostálgica. As cidades do Paraguay, a despeito dos seus habitantes serem joviaes e despreocupados, caracterizam-se por um tom de melancolia. E' a herança dos severos hábitos introduzidos pelos jesuitas, na histórica tentativa de edificar naquella região da America, um Imperio Theocrático.

No último dia que passei na terra recebi uma tocante manifestação de amizade da parte das tres mulheres. O capitão-doutor encarregou-se das despesas, autorizando a improvisação dum pequeno baile. Entre duas contradansas dedicou-me um exaltado discurso pondo em destaque uma série de valentias e actos de bravura que jamais pratiquei, mas que a

fertilidade da sua imaginação insistia em repetir. Durante a viagem, até Asuncion, tive o pensamento occupado pelas recordações daquelles dias, ao mesmo tempo tristes e gratos.

O mais curioso é que a mulher devolveu-me a quantia que lhe confiei, rigorosamente intacta, sem ter se aproveitado ou se cobrado de cousa alguma. A não ser que o generoso sargento houvesse pago a minha estada na casa... Se assim foi, elle se portou com impeccavel distincção, pois de nada suspeitei até o momento de verificar quanto me restava em dinheiro.

Annos depois, com a recordação adormecida, eu teria que despertá-la num sobresalto, ao lêr as consequências trágicas dum impiedoso e indesejavel cyclone, que impiedosamente attingiu Encarnacion.

Teria ido pelos ares a casa das tres mulheres...?

NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA.

— Apesar das suas luctas de politico, de mentor de consciências, Charles Maurras ainda encontra lazeres para fazer versos, versos de que Paul Claudel não gosta muito, mas Léon Daudet proclama dos melhores da lyrica moderna. *Quatre poèmes d'Eurydice*, de publicação recente, vêm offerer aos leitores ensejo de verificar qual dos dois tem razão, se o dramaturgo de *L'Arbre*, se o pamphletario dos *Fantômes et vivants*...

— Sãe a nona edição de *La negresse blonde* de Georges Fourest. Prova de que ainda os poetas são lidos na Europa. E um poema inédito empresta um sabor novo a esse velho texto do admirador das pretas de cabellos dourados. Fourest, em quem muitos vêem um mystificador e outros enxergam um genio, encaixa os conceitos e as imagens mais desconcertantes em alexandrinos de um rigor absolutamente classico, de uma execução technica á maneira de Boileau.

— Os caçadores são em geral acoimados de patranheiros. Entretanto isso de fazer esporte destruindo os pobres bichos já inspirou um livro immortal a Turgueniev. E agora Tony Burnand offerece-nos *Grosse bête et petit gibier*, série de paginas traçadas com sobriedade, sem nada que nos leve a desconfiar do autor. As descrições do Tyrol impressionam-nos pela flagrança absoluta. E em tudo sentimos o perfume da terra, das folhas pisadas pelos animaes que pretendem escapar ao fuzil do discipulo de Santo Huberto.

— Verdadeira revisão de processo é o livro de madame J. B. Ebelind sobre *Louis XIII*. A personalidade desse soberano fôra injustamente desfigurada por grandes escriptores, e entre elles Victor Hugo e Alfred de Vigny. Emtanto, verifica-se presentemente, dentro de melhor documentação e de mais equilibrada critica histórica, não ter sido o pae do Rei-Sol o pusillanime e o indolente que muitos presumem. Indiscutíveis eram as suas virtudes de modestia, de bom senso, de submissão aos deveres de uma corôa ameaçada por tantos inimigos de dentro e de fóra do paiz.

Acaba de apparecer um
grande livro

“Um estadista do Imperio
--- Nabuco de Araujo”

sua vida, suas opiniões, sua época

Por seu filho

JOAQUIM NABUCO

Nova edição completa em
dois tomos e accrescida de
um indice alfabético
por 50\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de
Janeiro

— Louis Hourticq demora-se em *La jeunesse de Poussin*, nascido em região obscura, transportado depois a Paris e finalmente á Italia. Trabalhador, desinteressado e puro de costumes, o pintor do Diluvio é figura de alta significação na arte franceza e sempre que lhe expõem as obras em conjunto é uma sensação de deslumbramento entre os amadores das formosas télas. Pincel que não falseava os modelos, Poussin dispunha de uma technica que faz pensar nas tragédias de Racine e nos jardins de Versalhes.

— Nos dominios do romance policial Claude Aveline tem obtido ruidosos triumphos. Porque escreve com elegancia e amenidade. Porque parece divertir-se elle proprio com as trapalhadas em que mette as suas personagens. Em *Voiture 7 Place 15*, seu ultimo trabalho, faz-nos elle acompanhar, e com prazer para nós, as divertidas façanhas de um gatuno. Tudo muito bem calculado, muito bem exposto. Chega-se a ver o sorriso velhaco com que o autor nos convida a participar do seu jubilo de puro intellectual deante da barafunda provocada pelo herôe do livro...

— André Rouveyre é um dos cidadãos mais discutidos da Paris de hoje. Pertence ao grupo do *Mercur de France* e escreveu paginas em nada desdenháveis sobre Remy de Gourmont e André Gide. Fazendo critica theatral, tem applicado, rijas tundas em Jules Romains, que declarou não dar nenhuma importancia ás verrinas de Rouveyre. Tambem caricaturista, quasi foi processado por uma senhora maltratada em excesso pelo seu lapis diffamatorio. No momento, André Rouveyre estampa o volume *Silence*. Talvez se lembrasse elle, ao compôr esse livro, dos mestres hespanhóes de que tanto gosta, e quiz fornecer-nos um tratado do «amor absoluto». O peor é que as personagens falam demais, sem quasi agir, e o autor não se explica direito quando pretende provar que o homem amoroso é sempre uma creatura diminuida e para as mulheres a paixão é o maior de todos os desastres.

LETRAS DO CEARÁ

Estreando com *Morro do Moinho* Martins d'Alvarez se revela um romancista de visão enlarguecida e de tendencia, no sentido de empregar a sua penna em descrever as observações de sua analyse adiantada sobre o conteúdo social, que tanto tem fascinado a litteratura contemporanea. Poeta, com dois livros de versos publicados, e que muito fallam de suas tendencias litterarias, o romancista estreante procura encaminhar-se por nova senda mais vivida e essencial.

Fran Martins esboçou em *Ponta de Rua* um quadro surpreendente da vida suburbana de Fortaleza. O romance de Fran. Martins, rico em côres psicologicas, revela um analysta mais ou menos sceptico diante da realidade social. O conteúdo humano de suas personagens se mostra mais rico de contradicções, de ansiedades, e procura de um clima proprio para a vida. Mas, não resta duvida, o livro de Fran Martins trahe um pouco a sua melancholia diante do vulgar quotidiano.

Silveira Filho é um poeta que apesar de qualquer constrangencia temporal mantem alertas as fontes lyricas de sua suave poesia. Ledor assiduo de Samain, Verlaine e Fernand Gregh, este, um dos mais autenticos poetas da França de Valery e Benda, meio penumbriista, meio impressionista Silveira Filho não esquece as licções do temperamento nem desdenha os impulsos de sua intelligencia. Por isso talvez seja a sua poesia possuidora de uma singular suavidade, quer quando maneja com o paizagistico quer quando se integra no puro aspirar interior — as fontes de onde elle saiba captar a essencia do seu rimar.

Carlyle Martins, com tres livros de versos publicados, escreve agora uma serie de *Contos*, realísticas paisagens humanas recordadas de suas viagens ao interior do sertão. O drama das almas obscuras e os exasperos dos desejos não reprimidos, um primitivismo francamente malefico, as radiographias dessas almas estão esboçadas nas paginas

de Carlyle Martins. Este poeta dá, vez por outra, ás letras, a sua valiosa contribuição.

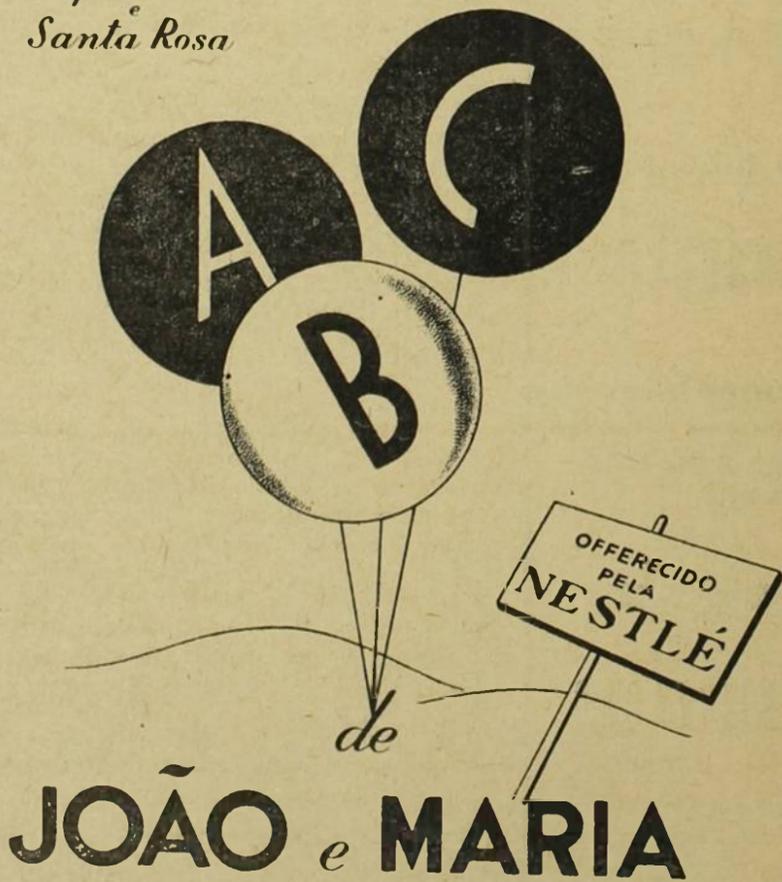
Actual Presidente da «sociedade Cearense de Geographia e Historia» Florival Seraine, escriptor já acatado pela critica, depois de escrever *Descartes*, Conferencia, está preparando um volume em que enfeixará estudos sobre o Ceará.

Carlos Gondim, poeta de vida agitada e dramatica, morto ha sete annos, vae ter o seu exegeta na pessoa do sr. José Valdo Ribeiro Ramos, sociologo e escriptor de muitos recursos.

Antonio Salles escreve *Estrada de Damasco*. Trata-se de um livro de maior amplitude do que *Aves de Arribação*, e que o seu autor faz questão seja um livro de ideas. Aqui no Ceará Antonio Salles tem trabalhado muito. Levando vida retirada, cercado dos seus autores, elle todavia não se furta ao prazer creador. Vez por outra publica versos e critica emquanto esboça o clima para os personagens de *Estrada de Damasco*.

AFFONSO BANHOS.

Marques Rebello
Santa Rosa



1ª EDIÇÃO

São attendidos gratuitamente os pedidos feitos á Caixa 760-Rio

Armando D. Pirotto — *La literatura en América* — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Vigoroso estudo sobre a litteratura colonial da America Hespanhola. Referencias aos épicos, lyricos, historiadores, theatrologos e administradores que escreveram tanta coisa perduravel, mesmo em periodos de sujeição intellectual á metropole, mas com dezenas de lances em que se entremostrava a originalidade creadora de povos destinados a dar um Amado Nervo, um Ricardo Palma, um Sarmiento. O sr. Armando D. Pirotto é erudito e artista. Conhece os textos antigos, mas não lhe falta sensibilidade á moderna para aviventar esses textos.

— Um que ainda acredita no mysterio, nos seres invisiveis, é Jean Marteau, autor do *Pont-Cournant*, onde scenas de grande poesia alternam com episodios de uma ferocidade quasi sadica. O romance é denso de acontecimentos, notando-se nelle a existencia de um observador perspicaz, não insensivel de todo á influencia dos mestres de humorismo da Inglaterra. Frequente é que, em Jean Marteau, uma passagem de amor acabe em prosa das mais decepcionantes...

— John Charpentier protesta contra o desdem que as modernas gerações francezas demonstram por grandes creadores deficições como Balzac e Stendhal, preferindo-lhes Dostoiewsky e outros russos. Para elle, o autor do *Crime e castigo* e seus patricios são apenas fortes ao descrever «a vida larvaria do pensamento», mas não chegam nunca á synthese social obtida por aquelles dois mestres da psychologia collectiva de França.

— Muita gente pensa que a Joven Captiva celebrada por André Chénier em versos immortaes foi amante ardorosa do poeta. Qual nada! Quem a formosa Aimée de Coigny amou desvairadamente foi o frascario de Lauzun, um dos mais temiveis conquistadores do seu tempo, que a chamava familiarmente de Nigretta. Sabe-se que Lauzun colleccionou innumerous corações femininos, e entre elles os de lady Sarah Bunbury, da princeza Czartoryska, de mistress Robinson e de madame de Martainville, havendo até quem reuna a esses nomes o da rainha Maria Antonietta.

O SR. TRISTÃO

Figura o sr. Tristão de Athayde entre as minhas mais solidas admirações litterarias. Sempre o li proveitosamente, sempre o olhei com respeito, e jamais saberei devidamente agradecer o impulso que o contacto de seus livros deu a meus estudos em certos momentos de absurda disponibilidade mental. Jamais saberei sufficientemente louvar o homem que, numa hora angustiada como a nossa, conseguiu sobrepor-se á discordem (e só Deus sabe como a desordem tem um fascínio eterno, como ella acena feiticiramente para todos os que faezm vida intellectual!); o homem que, soffrendo e inquietando-se, com a inquietação e o soffrimento das almas sinceras, corajosamente se definiu, encontrando um sentido eterno para a vida; o homem que, no rythmo novo da intelligencia brasileira, abriu perspectivas, definiu caminhos, apontou perigos (e sempre com absoluta proficiencia, com a clareza do sociologo e aquella gloriosa humildade do christão); alguém, emfim, que nunca desespera de conclamar os moços para alguma coisa differente da vulgaridade quotidiana, para qualquer coisa mais seria do que a bohemia do espirito, mais ampla que o dilettantismo dos «cafés».

Não importa que certos julgadores mal supportem o seu phraseado, afirmando que um excesso de austeridade mental nelle prejudica a communicabilidade, acreditando o muito denso, muito complicado, muito perobico em summa. Também não importa que sua serie de *Estudos* denuncie com certa assiduidade a improvisação e o registro, e que o unico livro realmente livro de sua estante seja *Afonso Arinos*, — pesquisa commovida, carinhosa e lucida sobre um dos mais lindos exemplares de nossa fauna litteraria, — impondo-se, quasi tudo mais, como pagina dispersa de jornal ou these universitaria subitamente elaborada. Admiravel, apesar disso, a serie de *Estudos*, — admiravel e proveitosissima pela noticia que nos dá, pela documentação que representa de todo um ardente periodo de nossas lettras.

Nem esqueçamos, após, que *O Espirito e o Mundo* merece considerado um dos mais serios, dos mais profundos e honestos volumes de critica até agora apparecidos em lingua portugueza, e que a fi-

AVE

A J. Fernando Carneiro

Ninguem sabia donde viera a extranha ave.

*Calvez o ultimo cyclone a arrebatasse
de incognita ilha ou de algum golpho,
ou nascesse das algas gigantescas do mar;
ou caisse de uma outra atmospha,
ou de outro mundo ou de outro mysterio.*

*Velhos homens do mar nunca a haviam visto nos gêlos
nem nenhum andarilho a encontrara jamais:
era antropomorpha como um anjo e silenciosa
como qualquer poeta.*

*Primeiro pairou na grande cupola do templo
mas o pontifice tangeu-a de lá como se tange um demonio doente.*

*E na mesma noite poisou no cimo do pharol;
e o pharoleiro tangeu-a: ella podia atrapalhar as náus.*

*Ninguem lhe offereceu um pedaço de pão
ou um gesto suave onde se dependurasse.*

E alguém disse: «essa ave é uma ave má das que devoram o gado».

E outro: «essa ave deve ser um demonio faminto».

*E quando as suas azas pairavam espalmadas dando sombra ás
[creanças cansadas,*

até as mães jogavam pedras na mysteriosa ave perseguida e inquieta.

*Calvez houvesse fugido de qualquer pico silencioso entre as nuvens
ou perdesse a companheira abatida de setta,
a ave era anthropomorpha como um anjo
e solitaria como qualquer poeta.*

*E parecia querer o convivio dos homens
que a enxotavam como se enxota um demonio doente.*

*Quando a enchente periodica afogou os trigaes, alguém disse:
— «A ave trouxe a enchente».*

*Quando a secca annual assolou os rebanhos, alguém disse:
— «A ave comeu os cordeiros».*

*E todas as fontes lhe negando agua,
a ave desabou sobre o mundo como um Samsão sem vida.*

*Então um simples pescador apanhou o cadaver macio e falou:
— «Achei o corpo de uma grande ave mansa».*

E alguém recordou que a ave levava ovos aos anachoretas.

Um mendigo falou que a ave o abrigara muitas vezes do frio

E um nú: a ave cedeu as pennas para meu gibão.

E o chefe do povo: «era o rei das aves, que desconhecemos».

E o filho mais moço do chefe que era sósinho e manso:

dá-me as pennas para eu escrever a minha vida

tão igual á da ave em que me vejo

mais do que me vejo em ti, meu pae.

JORGE DE LIMA.

delidade de Tristão de Athayde, o seu respeito ao *espirito* de Jackson, á memoria do companheiro morto, valem como um dos mais bellos espectaculos Moraes deste Brasil cheio de capellinhas improvisadas segundo as exigencias da vaidade e frequentemente nascidas sem uma effectiva penetração das almas.

Authentica vocação de pensador, de sociologo, de critico, Tristão de Athayde — vivendo numa terra de primarios e de «snobs» e na qual, muito peor do que a precariedade economica da profissão litteraria, pesa como chumbo um total abandono moral do escriptor — Tristão de Athayde, diziamos, traba-

lha incessante e apaixonadamente em favor do espirito, e continúa a gozar, como poucos, uma intensa e alta vida de intelligencia.

Cerebro que já conheceu culturas as mais diversas, que absorveu paginas essencialissimas de numerosos idiomas, dizedor de coisas crystallinas acerca de Proust, Bergson, Mauriac ou Chesterton, e cujo ensaio sobre «o humanismo britannico», por exemplo, é um verdadeiro prodigio de finura, exactidão e profundidade, — o sr. Tristão é alguém que resistirá serenamente á mais energica ordenação de valores do Brasil destes tempos.

NEWTON SAMPAIO.

DE LISBOA

“ AVENTURA ”

O sr. José Osorio de Oliveira, representante do BOLETIM DE ARIEL em Portugal, acaba de publicar *Aventura*, uma novella, em edição da Parceria Pereira, de Lisboa. Trancrevemos a seguir o bello ensaio critico que o sr. Castello Branco Chaves, illustre escriptor lusitano, dedicou á novella de Osorio de Oliveira no numero de 18 de dezembro findo da *Seara Nova*, de Lisboa.

O romance e a novella começam a ser os generos litterarios preferidos pelos escriptores da nova geração, á qual oxalá caiba a gloria de conseguir fixar, entre nós, as duas modalidades de um genero que parece não estar muito de accôrdo com a feição do nosso temperamento litterario, sentimental e emotivo, mas ingenuo e pobre na expressão do sentimento e por demais espontaneo e superficial na elaboração esthetica das emoções. Falta-nos tambem a fantasia ou seja a imaginação psychologica que cria os personagens representativamente humanos que reproduzem e explicam as grandezas e miserias do Homem e da Vida. A nova geração colloca-se litterariamente numa attitude revolucionaria e tenta iniciar uma obra de adaptação do genio litterario portuguez ás formas e expressões estheticas que melhor lhe parecem exprimir a inquietação, a ansiedade desta nossa perturbada época.

Tem sido a litteratura portugueza uma litteratura de individualidades isoladas e de obras sem continuidade; — uma litteratura que mais se caracteriza pelo que lhe falta do que pelo que possui e pode dizer-se que, se conta alguns escriptores de valor universal, não é uma litteratura verdadeiramente culta, por aquillo que lhe falta em humanidade, em pensamento e em cultura, o que manifestamente se revela na sua falta de unidade de estylo.

Educada pela doutrinação critica de Antonio Sérgio ou permanecendo-lhe simplesmente attenta, o que é certo, é que na nova geração existe um poder de analyse e uma consciencia critica que não tem sido quinhão da maioria das nossas gerações litterarias. Ha, de facto, uma renovação que tenta attingir o essencial e revitalizar as raizes e para isso afigura-se-me não ter sido inutil o grupo de ensaistas e criticos da nova geração litteraria.

Ao grupo desses ensaistas pertence Osorio de Oliveira que agora se estreia como novellista. *Aventura* é realizada mais como um poema do que como uma novela. Vibra nesta obra de Osorio de Oliveira um subjectivismo lyrico, uma exaltação sentimental que, não sendo de grande alcance, lhe dá, contudo, por vezes, um elevado poder emotivo que se traduz nas melhores paginas da novella. Toda a obra vive de um estado de alma do seu personagem — Antonio Nogueira — um estado de alma que porém é mais *descripto que analysado* e a que talvez a continua mutação de fundos não deixa evidenciar a dinamica mas tão somente a persistencia. Ha uma precipitação de rythmo sem haver desenvolvimento

do que poderemos chamar o nucleo de acção psychologica inicial e que tão rico é. Antonio Nogueira apresenta-se-nos como um inconformista, um insatisfeito, um inadaptavel. Quem assim é, porém, para que radicalmente o seja, não o é só nas coisas materiaes, sensiveis, mas especialmente o deverá ser nos dominios do espirito. A grande aventura do inconformista será sempre a aventura das idéas e a das attitudes moraes — não a das viagens e a do amor, que só virão reflexamente. O portuguez do seculo XVI corria terras e sulcava os mares e não se poderá dizer que a sua feição caracteristica fosse o inconformismo e a inadaptação. O inconformismo nos dominios moraes e intellectuaes equivale ao anarchismo nos dominios do social: — demanda uma superioridade de tal ordem que poucos homens, dignamente e em verdade, os podem professar.

Por isto me parece Antonio Nogueira personagem um tanto superficial e isto não porque José Osorio seja incapaz de dar a contextura íntima e o movimento psychologico dos seus personagens, como o prova em certos lances, mas, ao que me parece, pelo estado de exaltação poetica em que realizou a sua novella. A exaltação é boa como movimento inicial — mas só a critica, a analyse serena e a congeminção podem aproveitar della todo o seu potencial artistico.

O estylo de Osorio de Oliveira cada vez se vae tornando mais cristallino e mais elegante, possuindo um vocabulario sobrio (o que para o novellista é uma virtude) e uma syntaxe malleavel, de apurado senso estilistico. No desenho das situações como no das paizagens, na sua conjugação, Osorio de Oliveira desenha com firmeza e é suavemente que dá o colorido donde resultam pequenos quadros admiraveis pela sua suggestão poetica como este que entre outros escolho:

CYRO MARTINS

SEM RUMO

NOVELLA

Edição ARIEL

«Mas uma manhã, Genoveva não pode mais, e forçando Antonio a deitar-se junto della na praia, sobre um monte de algas, apertou-o com força nos braços, mordeu-o na boca, e rudemente, com raiva de tanto ter esperado, fez com que elle a possuísse. Nesse momento foi ainda do mar que Antonio se lembrou, tendo a impressão de que o corpo da mulher se abria, para o receber, como o seio das aguas, e sentindo-o agitar-se debaixo de si, convulsivamente, como as ondas. Um instante depois, o corpo de Genoveva, percorrido apenas de leves estremecimentos, apaziguava-se como as aguas do mar após o temporal. E a ternura da Mulher, como o mar em calmaria, envolveu em caricias o Homem que acabava de nascer.

Quando Antonio voltou para o Portinho ia cantando, com a alegria unica da primeira posse. E no dia seguinte, e todos os dias, tornou a procurar nos braços duros de Genoveva, no seu amor rude, na sua carne saborosa a sal, a felicidade do desejo satisfeito.

As ondas vinham espraiair-se junto dos corpos, que por ellas cadenciavam os movimentos. Morrendo por um instante, no esquecimento de tudo, Antonio e Genoveva deixavam que a espuma os molhasse. Quando voltavam á vida, ouviam de novo a voz do mar, que nunca se cala. E esse rythmo constante desperitava nelles, outra vez, o desejo de amor. E novamente o Homem e a Mulher, imitando o eterno fluxor e refluxo do mar, com o murmurio das aguas confundiam os seus gemidos de prazer. Mas só o mar é incansavel.»

CASTELLO BRANCO CHAVES.

— Andou bem Zoé Talon recompondo a imagem da *Comtesse du Cayla*. Depois de metter-se em intrigas para poder aguentar-se numa côrte em que os hypocritas e os trapaceiros pullulavam, a pobre condessa teve de se divorciar e acabou sendo a favorita de Luiz XVIII quando este vivia quasi jungido ao seu sophá de invalido. Inteligente, graciosa, essa franceza parecia antes pertencer aos salões do seculo anterior. Lamartine, que era sensível ás lindas almas, retratou-a com carinho.

— Um nome que merecia ser recordado com mais frequência é o do coronel Monteil, pioneiro do dominio colonial francez. Foi um soldado valente, mas, em funções civis, não lhe faltavam nobres qualidades civilizadoras. O Senegal e o Sudão eram-lhe familiarissimos. Amigo de Gallieni, comprehendeu tão bem quanto este a grandeza dos destinos da França em terras da Africa.

— Velho conhecido nosso é Henry Bordeaux, que tem dado grande lucro aos vendedores de tinta e aos fabricantes de papel. Rara o trimestre em que esse francez não desove o seu romance ou o seu livro de critica. E' um vice-Bourget, continuando nessa posição subalterna, apesar da morte do outro. *Le Maître de l'amour* filia-se bem á orientação catholica do autor. Demonstra-se ahi o precario de todos os amores terrestres, que só podem encontrar uma nobre solução: Deus.

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

GARIBALDI DANTAS.....	Extremo Oriente.....	9\$000
AFRANIO PEIXOTO.....	Ensinar a ensinar.....	10\$000
J. L. CAMPOS JR.....	Springtime (Primavera).....	7\$000
MAYNE REID.....	Guilherme o Grumete.....	3\$500
MARTINHO DA ROCHA.....	Compendio de Pediatria — III vols.....	40\$000
CARLOS DE CARVALHO.....	Tratado Elementar de Contabilidade.....	15\$000
NINA RODRIGUES.....	As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.....	10\$000
ARTHUR DE CAMPOS GONÇALVES.....	Noções de Cosmografia e Geografia.....	6\$000
LUIZ AGASSIZ E ELIZABETH C. AGASSIZ.....	Viagem ao Brasil.....	18\$000
MANOEL VICTOR.....	Legislação F. e aduaneira.....	6\$000
GEORGES RAEDERS ET VILHENA MORAES.....	Mon Deuxieme livre de Français.....	9\$000
CARLOS COSTA E CARLOS PASQUALE.....	Quimica — 3. ^a serie.....	8\$000
A. F. CESARINO JUNIOR.....	Historia do Brasil.....	7\$000
MOURA SANTOS.....	Pequeno escolar 1. ^o	3\$000
PADRE ANTONIO VIEIRA.....	Por Brasil e Portugal.....	9\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL - Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes : CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro—Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPIO

1. MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE JANEIRO

Antonio de Alcantara Machado — BRASÍLIO MACHADO Vol. nº 8 da Coleção Documentos Brasileiros).....	12\$000
José Carlos de Macedo Soares — DISCURSOS (Rumos da Diplomacia Brasileira).....	10\$000

NOVIDADES DE DEZEMBRO

H. G. Wells — PEQUENA HISTORIA DO MUNDO — com 54 ilustrações — Vol. cartonado — Trad. de Gustavo Barroso.....	22\$000
Affonso Arinos de Mello Franco — O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCEZA — (N.º 7 da Coll. «Documentos Brasileiros»).....	20\$000
F. Nitti — A DEMOCRACIA — Trad. do Prof. A. Piccarolo.....	15\$000
Tasso da Silveira — ESTADO CORPORATIVO.....	7\$000
Ranulpho Prata — NAVIOS ILLUMINADOS — Romance.....	7\$000
D. Xiquete — VI, LI, OUVI — (Distribuição).....	7\$000

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Humberto de Campos — DESTINOS — 5. ^a edição.....	6\$000
Octavio de Faria — CRISTO E CESAR.....	12\$000
Alberto Rangel — NO ROLAR DO TEMPO — Nº 6 da Col. Doc. Brasileiros).....	12\$000
José Amerio de Almeida — A BAGACEIRA — 7. ^a edição.....	8\$000
Minis. da Educação — AUTOS DE DEVASSA — 6º vol.....	5\$000

NOVIDADES DE OUTUBRO

General E. Leitão de Carvalho — A CONFERENCIA DO DESAR. MAMENTO.....	20\$000
Humberto de Campos — DESTINOS 5. ^a Edição.....	6\$000
Cyro de Anjos — O AMANUENSE BELMIRO — Romance.....	8\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

MARIA DE LOURDES	
Arte de Cosinhar.....	12\$000
OSORIO DUTRA	
Serenidade.....	6\$000
EUGENIO DE CASTRO	
Geografia Linguistica e Cultura Brasileira.....	15\$000
PADRE C. QUINET	
Exercicios Praticos de Catecismo:	
1. ^a parte.....	2\$000
2. ^a «.....	2\$000
3. ^a «.....	2\$000
Volume cartonado com as 3 partes.....	6\$000
JORGE OHNET	
O Grande Industrial — Col. Sip.....	2\$000
ALEXANDRE DUMAS	
Uma Filha do Regente — Col. Sip. — 2 vols.....	4\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de reembolso. Peça instruções. Envia-se catalogo gratis.

Cinema

DOCUMENTOS DO NOSSO TEMPO

Os jornaes cinematographicos constituem preciosos documentos para os estudiosos da historia corrente. Tomamos conhecimento dos factos dias depois de succedidos, embora nos cantos mais escondidos do mundo.

O assassinio do presidente Doumer era visto em Bruxellas duas horas depois de commettido na França. As guerras da China e da Hespanha apparecem-nos com uma presteza de pasmar.

Hoje nós não esperamos mais que 20 annos se passem para que os crimes de uma certa porção da humanidade sejam vistos em toda a sua enormidade. Jules Romains publicou em «Marianne» de 15 de Setembro um admiravel artigo — «La guerre qui n'ose dire son nom».

O grande escriptor mostra que ha luta em varios pontos do globo, luta verdadeiramente internacional — entre italianos, allemães, francezes, russos — sem que elles confessem que estão em guerra. No Mediterraneo bombardeia-se, torpedeia-se e não ha guerra. Já morreram perto de 1.000.000 de homens na luta sino-japoneza e só agora o Japão fala em declaração formal de guerra, como se até agora outra cousa se estivesse verificando.

Como viria a proposito um livro como o que Forel escreveu no começo do seculo — «O papel da hypocrisia, da estupidex e da ignorancia na moral contemporanea»!

Isto acontecerá muitos e muitos annos ainda enquanto o mundo pertencer aos fortes, aos chamados homens superiores.

Pelo nada que esses fortes tem feito felicidade dos seus irmãos, esperemos que a humildade, a sympathia, a bondade, a doçura dos fracos tragam para terra a tão anciada tranquillidade.

Deixemos primeiro que os donos do mundo acabem de destruir-se.

De agora em diante a nossa mystica será a da volta ao paraíso, a do restabelecimento da felicidade integral....

A mulher que amou demais — Direcção de Gerhardt Lamprecht — Cine Allianz. Só se tem o direito de tocar em «Madame Bovary» quando se é capaz de, inspirado nessa obra prima, produzir obra de igual grandeza.

Um film inspirado no romance typo de todas as litteraturas é uma tarefa para um director de genio.

Para fazer Emma Bovary viver no écran só Greta Garbo com a sua mysteriosa personalidade. Qualquer outra será ultrapassada pelo grande typo feminino, não conseguirá dominar-o.

Quem justificar aquella palavra de Thibaudet — o cinema fallado degradou litterariamente tudo aquillo em que tocou — não deverá affrontar tarefa de tamanha monta.

O trabalho do director allemão não satisfez. Nelle nada encontrei que me desse o prazer integral, que me provo-

casse a admiração constricta da obra igualavel.

O ambiente de provincia, os typos não me convenceram.

Nota-se que falta uma certa atmospheria sem a qual não ha Homais, nem Leon, nem Rodolphe.

O pharmaceutico no film é apenas um canalha. Flaubert não quiz encarnar nelle apenas um «tourbe», mas um typo inteiramente provincial, de ideas limitadas, deformadas pela estreiteza do meio, pela mesquinhez de uma cidadezinha de interior.

E tudo isso realçado pela sua sufficiencia, pela sua pretenção de homem de meia cultura, pela sua vaidade imbecil, pelo seu alardear frequente de conhecimentos, pelo seu tom sentencioso.

O Dr. Bovary vae um pouco melhor, como representativo de um certo conformismo, de uma certa preguiça mental, de uma certa incapacidade para reagir em face dos acontecimentos.

Em geral os allemães tratam maravilhosamente os typos de «cocu» e homosexual.

É a festa em casa da marquezia d'Andervilliers! É uma pagina para se recordar o resto da vida e que provocará a admiração dos homens, enquanto existir litteratura.

Mesmo Emma Bovary, apesar do enorme valor de Pola Negri e das suas qualidades pouco vulgares de artista, carece de subtilidade, de plasticidade, para que possamos penetrar nos meandros de sua complexa psychologia.

O final desmente completamente que a grande amorosa se tenha envenenado com arsenico. Nem uma contracção, nem um grito de dor, nem um gemido. Uma doçura de morte natural.

Não é o que está em Flaubert:

«Elle jeta un cri aigu.»

«Puis elle se mit à geindre, faiblement d'abord.»

«Un grand frisson lui secouait les épaules...»

«Ses dents claquaient, ses yeux agrandis regardant vaguement autour d'elle...»

«Un hurlement sourd lui é chappa...»

«Mais les convulsions la saisirent; elle s'écria:

— Ah! C'est atroce, mon Dieu.»

Evidentemente isto não é uma morte calma...

«A mulher que amou demais» me deixou firmemente convencido de que a grande sacrificada, a grande crençé no amor humano, o grande symbolo de todas as amorosas, a alma torturada pela ancia de libertação, ainda espera quem a realize condignamente no cinema.

Esposa, medico e enfermeira (Wife, doctor and nurse) — Direcção — Walter Lang — 20th Century Fox. Este film apresenta uma modalidade interessante do eterno triangulo, que já tem sido temperado com todos os molhos.

É a historia de um grande operador, cuja camaradagem e amizade com a enfermeira tornara-a indispensavel á sua vida profissional.

Nessa camaradagem havia uma serie de praticas cuja relação com o serviço é difficilmente explicavel. Deital-o ao collo, animal-o, fazer-lhe festinhas na cabeça escapam á collaboração que uma enfermeira deve ao operador.

Tanto assim que a «nurse» um dia tanto se afastou do terreno profissional, que o beijou ardentemente.

Mas nesse momento já o Dr. Judd se apaixonára por uma sua cliente rica, com quem se casa do dia pra a noite.

A pobre Steve não pode supportar o golpe e foge desesperada.

Mas a vida de medico, que é quasi toda a vida de Judd, torna-se impossivel sem a abnegação cega de Steve.

A propria Ina é quem vae buscar Steve para perto de Judd.

Mas os chamados nocturnos, as constantes sahidas de Judd desesperam a esposa que, cheia de ciume, resolve tratar do divorcio.

Como sempre Judd, o esposo, procura consolo no alcool, como dizem os jornaes.

Salvam-no o amor de Ina e a bondade infinita da pobre Steve, para quem a dedicação, a renuncia, o sacrificio são exercicios diarios.

E tudo acaba bem.

A direcção de Walter Lang nada apresenta de extraordinario, «Gags» já muito vistos, graças já por demais sedicças. Mas o film não deixa de ser um agradavel passatempo.

Na proxima chronica tratarei dos seguintes films, que só foram vistos depois deste trabalho estar terminado: «Os castiçaes do Imperador» e «Passaporte nupcial».

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Acaba de Aparecer:

**A MÃO E SEUS
SEGREDOS**

de ARUS SAB

3.º Edição

ARIEL

Discos

Completamos hoje a lista dos discos da notável «Anthologia Sonora», que havíamos iniciado no último número:

Disco N.º 9 — Miguel Blavet (1700-1768): *Segunda sonata para flauta e cravo* — Marcel Möyse e Pauline Aubert.

N.º 8 — Cravistas francezes da epocha de Couperin — João Nicoláu Geoffroy (cerca de 1700): *Tombeau em forma d'allemande*; Antonio Dornel (mais ou menos 1685-1765): a) *Le pendant d'oreille*, b) *La noce d'Auteuil* — Pauline Aubert.

N.º 13 — François Couperin — *Segundo concerto real* — Sociedade de violas e cravo.

N.º 30 — Jean-Philippe Rameau (1683-1764): *Cinquième pièce de clavecin en concert* — Violino: Jean Pasquier; Viola de gamba: Eva Heinitz; Cravo: Pauline Aubert.

N.º 33 — O cravo italiano após 1700 — Alexandre Scarlatti: a) *Toccata*, b) *Fuga em re maior*; Domenico Zipoli: a) *Sarabanda*, b) *Canzona* — Cravo: Ruggero Gerlin.

N.º 37 — Antonio Vivaldo (aproximadamente 1678-1742): *Concerto para violino, cravo e orchestra* — Violino solo: Jean Fournier.

N.º 38 — O mesmo concerto de Antonio Vivaldi transcripto para cravo por João Sebastião Bach — Cravo: Ruggero Gerlin.

N.º 23 — João Sebastião Bach — *Cantata N. 189: Meine Seele ruehmt und preist* — Canto: Max Meili; Flauta: Marcel Möyse; Oboe: Gromer; Violino: J. Pasquier; Baixo continuo: Gerlin e Mosser.

N.º 24 — Carlos Felipe Emmanuel Bach — *Adeus ao meu clavicórdio*: João Sebastião Bach — *Minueto, Polonesa, Minueto, Marcha e Choral* — Clavicórdio: Erwin Bodky.

N.º 26 — Jorge Felipe Telemann — *Quartetto em menor* — Flauta: Marcel Möyse; Violino: Jean Pasquier; Violoncello: Etienne Pasquier; Cravo: Gerlin.

N.º 11 — J. F. Haendel — *Sonata em mi maior* — Oboe: Gromer; Cravo: Marcelle de Lacour; Violoncello: Étienne Pasquier.

N.º 43 — G. Dufay e H. Isaac — *Rondó e Canção do século XV* — Societé Pro Musica Antiqua de Bruxellas.

N.º 44 — W. A. Mozart — *Sonata para fagote e violoncello* — Fagote: Fernand Oubradous; Violoncello: Etienne Pasquier.

N.º 45 — Clément Janequin — a) *Ce moys de may*, b) *Au joly jeu*: Guillaume Costeley — a) *Mignonne*, b) *Allons, gay, bergères* — Coros a capella pela Choral «Motet e Madrigal».

N.º 51 — Cantos alemães da epocha de 1500 — Heinrich Finck: *Wach auf* (a 4 partes) e *Ach herzigs Herz* (a 4 partes); Ludwig Senfl: *Also heilid ist der Tag* (a 6 partes) e *Kling-Klang* (a 6 partes), pelos Coros a capella da «Basler Kammerchor».

NK.º 52 — Johann Kaspar Ferdinand Fischer (1650-1746) — *Suite do «Jornal da Primavera»* — Orchestra de cordas, cravo e dois pistões; Johann Rosenmuel-

ler (1620-1684) — Suite em dó maior — Orchestra de cordas e cravo.

N.º 47 — G. P. Palestrina (1525-1594) — a) *Hymno «O crux ave» e Moteto «Vulnerasti»*, b) Madrigaes profanos «*La cruda mia nemica*» e «*Alla riva del Tebro*» — Coros a capella pela Choral «Motet e Madrigal».

N.ºs 41 e 42 — João Sebastião Bach — *Concerto em dó maior para dois cravos e orchestra de cordas*.

N.º 46 — E. F. Dall'Abaco (1675-1742) — *Sonata para dois violinos e baixo*.

N.º 48 — João Maria Leclair — *Trio para flauta, viola de gamba e cravo*.

N.º 50 — João Christiano Bach (1635-1782) — 6.º *Quintetto em ré maior*, para flauta, oboe, violino, viola e violoncello.

Acham-se anunciados para breve, entre outros, os seguintes discos: Compositores polacos dos séculos XVI e XVII: Szamotulski, Zilenski e Gomolka (coros a capella); *Le devin du village* de J. I. Rousseau e o *Trio N.º 5* de Joseph Haydn, para piano, violino e violoncello.

C. DE S.

— Depois de haver escripto sobre a rainha Amelia de Portugal e de ter narrado as suas proprias reminiscencias de jornalista, Lucien Corpechot fala dos *Parcs et jardins de France*. É uma homenagem a Le Nôtre, que estylizou os maravilhosos parques em que vagaram Lauzun, a Pompadour, a princeza de Lamballe. Todas as qualidades de ordem, de disciplina, de rythmo que impõem o gosto francez ao mundo, estão nessas aléas, nesses terraços onde a sociedade europeá viveu tão bellos instantes. Le Nôtre póde ser considerado um classico do espirito do seu seculo.

— *La Margrave de Bayreuth*, de Michel Davet, revive o perfil de Sophie Wilhelmine, irmã de um rei da Prussia e entusiasta de quantos houvessem passado por terras de França. Era ella correspondente de Voltaire e não lhe faltava malicia para trocar epigrammas com esse professional do riso.

— Georges Duhamel assumiu a direcção do *Mercure de France*, em substituição ao fallecido Alfred Vallette, marido de Rachilde. Mas nem por isso, e nem por pertencer á Academia Franceza, deixa de publicar infatigavelmente os seus romances. A chamada chronica dos Pasquier continúa a ir sahindo. Agora surge *Les Maitres*, desdobramento e contraste do *Désert de Bièvres*. Neste livro, Duhamel expunha-nos as illusões, as miragens a que estão sujeitos os adolescentes. Já em *Les Maitres* encontramos o avesso de todos os sonhos dos candidatos á gloria, ao amor, á riqueza. Laurent Pasquier penetra nos bastidores do theatro e observa como são arranjados os scenarios, tão impressionantes de longe e tão pifios de perto. Passa a descrever dos mestres, a enxergar em tudo a vaidade pessoal sobreposta aos bellos sentimentos e ás bellas paixões. A certa altura chega-se mesmo a insinuar que o melhor é desaprover a lér...

Ultimas Novidades

ARIEL

Cyro Martins

SEM RUMO

Gastão Cruls

VERTIGEM

(2.ª edição)

A. da Silva Mello

PROBLEMAS
DO ENSINO MEDICO
E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio

RETRATO
POPULAR DE
UM HOMEM

René-Albert Guzman

CIUME

5.ª edição
12.000 exemplares

Stendhal

DO AMOR

Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Alberto Ramos

PROSAS DE ARIEL

Do Porto**Esforços uteis pró-approximação intellectual luso-brasileira**

Consola vêr como, em curto prazo, a obra de intercambio intellectual e litterario entre Portugal e Brasil se vem ampliando e intensificando, fóra de quaesquer gestões officiaes e mercê apenas da boa vontade de meia duzia de pessoas e entidades que crêem mais em si proprias.

Nos seus exiguos recursos e nas suas pouquissimas possibilidades mas tambem nas forças irradiantes da sua curiosidade e de sua sympathia do que nos multiplos recursos de que os Estados dispõem e nas complexas formas da actividade official quasi sempre hirta e estatica.

Não se poderia desejar nem esperar, em tão pouco tempo, mais do que está feito já, com satisfação e apreço reciprocos, dos meios intellectuaes dos dois paizes.

E na acção realizada e que felizmente vê crescer dia a dia o numero dos seus obreiros, cabe indubitavelmente, a João de Barros, do nosso lado, a parte principal, tão certo é que a sua forte e factada personalidade intellectual tem dado a revelação e divulgação no nosso paiz do Brasil intellectual, uma devoção tão profunda e reflectida que nenhum outro escriptor portuguez pensará em superar a sua paixão pelo Brasil que tem semeado tantas amizades pessoas e tantas sympathias litterarias, entre homens insignes dos dois paizes.

José Osorio de Oliveira vem a seguir, com seus livros e artigos em revistas e jornaes e com a sua compreensão propria e tão aguda da terra e da gente brasileira. O dr. Casais Monteiro é outro escriptor, com um grande activo de serviços á approximação intellectual da gente nova do Brasil com as novas gerações portuguezas. O prof. Fidelino de Figueiredo, tem sido igualmente um collaborador insigne dessa obra de mutua compreensão nos sectores da historia e da critica litteraria.

Devem-se a Julio Dantas algumas bellas paginas de superior apreço intellectual por obras litterarias do Brasil, e nos ultimos tempos, tem sido mais frequentes os seus estudos desse genero.

Tambem o prof. Mendes Correia tem procurado, no campo scientifico, fazer obra identica á dos outros distinctos escriptores. Alvaro Pinto, depois de uma obra editorial de largo ambito luso-brasileiro que não tem par, há annos realizada, continua a estabelecer entre escriptores, criticos e editores dos dois lados do Atlantico, relações de franca utilidade para a approximação luso-brasileira. E, apesar das suas exigencias linguisticas e da crueza que por vezes as commanda, o dr. Agostinho de Campos tem sido divulgador de muita e boa obra litteraria brasileira a que nem só o louvor grammatical dá valia.

Cresce felizmente, de dia para dia, o numero dos homens de letras e jornalistas, consagrados e novos, sinceramente interessados pelas letras brasileiras e pela extraordinaria exuberancia da sua constante e surpreendente criação.

Antonio Sergio, Alberto Lima, o prof. Rodrigues Lapa, o padre Joaquim Alves Correia, o dr. João Gaspar Simões, Carlos Queiroz, Affonso Ribeiro, Paulo

Braga, Raul do Rego e outros estão voltando para o Brasil a sua curiosidade atenta e compreensiva. A litteratura, a historia, os ensaios sociologicos e os estudos afro-brasileiros mais especialmente, vão tendo nas revistas e jornaes portuguezes novos apreciadores qualificados, novos amigos, novos criticos.

Jornaes e revistas como *O Primeiro de Janeiro* e o *Diario de Lisboa, Seara Nova, O Diabo, Sol Nascente* e *Portucale* accentuam a sua predilecção pelas coisas brasileiras.

A brilhante *Revista de Portugal* que acaba de iniciar a sua publicação, sob a direcção de Vitorino Nemésio e Alberto Serpa, dois novos já consagrados e que reúne em suas páginas as varias gerações litterarias portuguezas, logo no seu 1.º numero inseriu collaboração de escriptores do Brasil e na sua secção de critica bibliographica se occupou de obras brasileiras.

Emquanto isso succede, nas revistas e jornaes brasileiros, as coisas portuguezas de espirito passaram tambem a ser tratadas com apreço e carinho.

E lêr o *Boletim de Ariel*, a prestigiosa e influente revista do Rio de Janeiro, que Gastão Cruls e Agrippino Grieco nobremente dirigem, os supplementos litterarios de *O Jornal* e do *Diario de Noticias*, a resenha litteraria de tantas revistas e magazines, não só do Rio e de São Paulo mas de Pernambuco, da Bahia, de Porto Alegre e de Ouro Preto. Os escriptores e os livros portuguezes tem, em todos elles, referencias frequentes e, em muitos casos, mais larga e mais arguta do que em publicações litterarias nacionaes.

Accrescentem-se a todo este movimento de convivio intellectual, os estudos que sobre o Brasil estão publicando revistas

como a *Broteria* e outras; a publicação no Brasil, por portuguezes, de magnificas revistas em que collaboram portuguezes e brasileiros como a *Revista Portuguesa* de São Paulo e o *Boletim da Sociedade Luso-Africana* do Rio de Janeiro; e a collaboração dos brasileiros categorizados em jornaes portuguezes do Brasil e a de portuguezes qualificados, de cá e lá, em jornaes brasileiros felizmente outra vez em augmento, e teremos o balanço, bem favoravel, de um esforço particular, cada vez mais amplo e mais efficaz para a approximação e mutuo conhecimento intellectual dos dois paizes.

Não precisou esse movimento senão de boas vontades, de dedicações, de sympathia. Fez-se sem dinheiro, sem apoios, sem as influencias do Poder e sem as chancellas officiaes.

Muito contribuíram tambem para elle esforços obscuros mas intelligentes e tenazes de certas pessoas e de entidades, pelos quaes pouca gente deu, pois ellas proprias quizeram passar despercebidas.

Refiro-me, por exemplo, á Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro que, depois de fazer chegar o seu magnifico «Boletim» e as suas publicações proprias á mão de centenas de brasileiros illustres, em todo o Brasil, se deu espontaneamente á obra de distribuição intelligente, pelos escriptores e professores, do paiz irmão e de outros paizes do sul, centro e norte americanos, de algumas publicações nossas de relevo, especialmente colonias e de obras portuguezas que, á sua custa, adquiriu ao mesmo tempo que chamava a attenção da imprensa brasileira para os artigos e estudos publicados em Portugal e que ao Brasil podiam interessar e promovia, desse modo, a sua reproducção e divulgação.

A Luso-Africana, ao seu «Boletim», á acção pessoal, tão insinuante e infatigavel, dos seus dirigentes, entre os quaes devo destacar o jornalista e publicista Antonio Amorim, se deve um bello esforço que posso qualificar como apreciadissimo por muitos brasileiros eminentes, de informação sobre o Portugal metropolitano e ultramarino, e de relacionamento de personalidades distinctas, tanto na vida intellectual como na vida official dos dois paizes.

Muito mais util e muito mais efficaz tem sido a acção, na materia, dessa benemerita aggremação do que a de alguns organismos officiaes ou especializados que tem, no seu programma, a approximação intellectual luso-brasileira.

Não falo, evidentemente, do Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, cujo activo de quatro annos, é, como officialmente se reconhece e confessa, restrictissimo: — em Portugal, um discurso brilhante, sem duvida, do prof. Afranio Peixoto; algumas conferencias muito interessantes do professor Leonidio Ribeiro e duas conferencias que não chegaram a ser pronunciadas, que vão ser publicadas e que não podem deixar de ser excellentes, de Gilberto Freyre; — e no Brasil, algumas conferencias, certamente eruditas, do prof. Mendes Correia. Indubitavelmente que a vinda e a demora em Portugal dos tres professores brasileiros fo-

Collecções encadernadas do**BOLETIM DE ARIEL**COM O INDICE DE ARTIGOS E
CITAÇÕESTemos á venda collecções de
todos os annosPreço do volume enca-
dernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

Musica

ram utilissimas, como o foram as do professor portuguez no Brasil. Muitas amizades pessoasas se fizeram, muitas sympathias se estreitaram, muitos projectos e suggestões foram suscitados em prol da approximação. Mas ainda nesse trabalho não foi o espirito official que predominou, mas os meritos e a captivancia pessoal de cada um que influiram.

Mas é ás instituições privadas que quero referir-me, algumas que dispõem de possibilidades largas e as não aproveitam.

O caso do Nucleo portuguez da Sociedade Felipe de Oliveira, instituido, ha tres annos, e cuja actividade e projecção, no nosso meio, ninguem sentiu, em prol da propaganda das lettras brasileiras ou da approximação da lettras luso-brasileiras. Nem sequer a bellissima «Lanterna Verde», cujo esplendido 5.º numero acabo de receber, inseriu ainda collaboração de qualquer dos escriptores portuguezes que a constituem.

Porque?

E entretanto trata-se de uma das mais qualificadas revistas intellectuaes em lingua portugueza, que é, ao mesmo tempo, sob o ponto de vista graphico, primorosa, e que vae tendo cada vez mais divulgação nas paizes latinos.

Quer dizer que, mesmo sob o ponto de vista da iniciativa particular e dentro dos restrictos recursos della, muitissimo mais pode fazer-se ainda. Para isso é preciso deixar os artificios de certas instituições e de certas personalidades, só nominalmente interessadas pelo Brasil, e animar o esforço espontaneo e sincero que alguns poucos estão fazendo em prol da approximação do pensamento portuguez e brasileiro.

Por mim continuarei a auxiliar-o, dentro da exiguidade dos meus recursos que só é supprida pela largueza da minha boa vontade. E faço-o em cumprimento de um dever civico, para servir a cultura commum e no interesse commum dos dois paizes.

NUNO SIMÕES.

(Transcripto de O PRIMEIRO DE JANEIRO, do Porto).

— Incessante é a produção de Robert Brasillach. *Comme le temps passe* permite-nos entrever mais um suggestivo aspecto desse espirito. Brasillach quer ser um realista, um moderno a todo transe, mas constantemente se abandona em fugas, em evasões pela poesia meio romantica. Seus herões são sempre creaturas mal localizadas na sociedade, pouco sympathicas aos burguezes, aventureiros de theatro ou circo. Tudo antes sonhado que visto. O ambiente é tambem dos mais variaveis, passando-se das ilhas ardentes da Hespanha aos canaes somnolentos da Belgica, de um sitio em que os homens pensam e rezam a outro em que os ricos e os fartos se divertem com bastante barulho.

— Visivel é a intenção satirica de Joseph Jolinon, que em *Les Coquines* persiste na caricatura ás falsas democracias. Amigo sincero dos camponios, exalta-os quando se apegam á terra natal e cultuam virtudes oriundas de uma tradição mais do que millenaria. Mas não deixa de rir-se á custa delles quando se mettem a politicos astutos, a deitar doutrina republicana...

A morte de Ravel foi o mais triste acontecimento do mundo musical do anno que findou. Seria uma banalidade dizer que não foi só a França quem o perdeu, mas o mundo inteiro, pois que a sua musica se universalizara havia muito.

Como compositor moderno que foi, conquistou uma posição das mais invejaveis, por ter conseguido a comprehensão e o applauso dos ouvintes menos cultos, não deixando nunca de ser apreciado pelos mais exigentes criticos.

Sua obra inteira é feita de bom-gosto e muita consciencia. Explorou todos os generos, e não se sabe dizer em qual delles foi mais brilhantes. Suas peças de piano andam hoje no repertorio de todos os interpretes, a «Hora Hespanhola» conseguiu triumphar no theatro de opera, e o «Bolero», entrando no cinema, ganhou o mundo.

A titulo informativo damos a seguir os seus dados biographicos principaes.

Nasceu em Ciboure, nos Pyreneus, a 7 de março de 1875. Foi educado em Paris, onde estudou no Conservatorio, piano com De Bériot e harmonia com Pessard. Em 1897 começou a estudar contraponto e composição com Gédalge e Gabriel Fauré. Em 1898 compoz as «Suites Auriculaires» (para 2 pianos a 4 mãos). No anno seguinte escreve a ouverture «Scherazade» e a «Pavana para uma Infanta Defunta».

Em 1901 obtem o segundo premio Roma, com uma cantata em estylo ironico. «Myrrha». São do mesmo anno os «Jeux d'Eaux» para piano, que tão forte impressão produziram, pela technica nova que apresentavam. Em 1905 o Instituto considera-o inelegivel para o premio Roma.

Em 1907 estréa na Opera Comica a «Hora Hespanhola», revivescencia moderna da opera buffa. Não teve exito então, só conseguindo triumphar mais tarde, no Theatro de la Monnaie de Bruxellas em 1921 e na Opera de Paris em 1922. Em 1912 travou amizade com Strawinsky, cuja obra estudou com cuidado, mas não se deixou influenciar por ella. Por essa epocha procurou tambem analysar as composições de Schoenberg.

Durante a guerra quiz offerecer os seus serviços como soldado, mas foi recusado em virtude de não ter saúde sufficiente. Em 1921 esteve em Londres dirigindo obras suas. Visitou depois a Hespanha e outros paizes da Europa.

Em 1932 tivemos a oportunidade de ouvi-lo em Vienna, onde lhe fizeram uma legitima consagração, embora os viennenses não apreciem muito as ironias da sua celebre «Valsa».

Dahi para cá produziu muito pouco, pois começava a sentir com muita intensidade os symptomas da molestia cerebral que o levaria á morte em dezembro ultimo.

Uma lista aproximada de suas obras abrange o seguinte:

Piano a 2 mãos: *Minueto antigo* (1895); *Pavana para uma Infanta Defunta* (1899); *Jeux d'Eaux* (1901); *Sonatina* (1905); *Gaspar de la Nuit* (1908); *Minueto sobre o nome de Haydn* (1909); *Valsas Nobres e Sentimentaes* (1911).

Piano a 4 de mãos: *Ma Mère L'Oie* (suite de 5 peças infantis (1908) orquestrada e transformada posteriormente em bailado).

Violino e piano: *Tzigana* (estreada em Londres por Jelly d'Aranyi, a quem foi dedicada, em 1924).

Canto e piano: *Historias Naturaes* (de J. Renard), 1906; *Vocalise em forma de habanera* (1907); *Cinco melodias populares gregas* (1907), etc.

Canto e conjunto instrumental: *Tres poemas* (de Mallarmé), 1913.

Canto e orchestra: *Scherazade* (trez poesias de Tristão Klignsor), 1903.

Camara: *Quartetto de arcos* (1902); *Introdução e Allegro para harpa, quartetto de arcos, flauta e clarineta* (1906); *Trio para piano, violino e violoncello*; *Sonata para violino e violoncello* (1922).

Orchestra e theatro: *Rhapsodia hespanhola* (1907); *La Valse* (1922); *Daphnis e Chlôe* (symphonia choreographica em 3 partes, 1906); *A Hora Hespanhola* (comedia musical em 1 acto, 1907); *Concerto para piano e orchestra* (que Mme. Long executou entre nós); *Saspiak bat* (concerto para piano e orchestra, sobre themas bascos); *La cloche engloutie* (drama lyrico em 4 actos de G. Hauptmann); São Francisco de Assis (oratorio), etc.

C. DE S.

«REVISTA DO GEMIO EUCLYDES DA CUNHA»

É o numero de 15 de agosto de 1937. Como de costume, um nobre e ardente tributo á memoria do desbravador de nossos sertões intellectuaes. Falam ahi Alberto Rangel, euclydeano desde a primeira hora; Eloy Pontes, de quem aguardamos notavel monographia sobre o mestre de brasilidade; Pedro Calmon, que discorreu sobre o glorioso morto em São José do Rio Pardo; Mucio Leão, capaz de conciliar o entusiasmo de Nabuco com o de Euclides; Roberto Lyra, que desentranha felizes postulados criminaes do maior livro escripto no Brasil.

Will Durant — *Philosophia da vida* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Divulgador amavel, sem technica empertigada, Will Durant torna tudo tão claro que a gente se irrita contra os que affirmam ser a philosophia uma sciencia emaranhada. Querem conhecer o essencial dos maiores pensadores? Pois não recorram a exegetas ainda mais difficeis que os mestres e affeitos a ainda mais enturvar as aguas que pretendem clarificar. Percorram, sim, este geitoso utilizador dos grandes textos, na traducção de Monteiro Lobato. E se querem aproveitar intelligentemente algumas outras horas, devem tambem travar conhecimento com o volume *Porque os homens falham*, de sociologos de lingua ingleza trazidos ao vernaculo por Godofredo Rangel. Nesta collectanea ha bellas paginas sobre as culpas dos paes, as mulheres que cooperam na queda dos maridos e os processos de affrontar as depressões nervosas que desencorajam os estreates para carreiras em que sem duvida prosperariam. Tudo actual e redigido por cidadãos eminentemente praticos.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Affonso Arinos de Mello Franco — O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCEZA — Collecção «Documentos Brasileiros» — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Eugenio de Castro — GEOGRAPHIA LINGUISTICA E CULTURA BRASILEIRA — Rio.
- Ranulpho Prata — NAVIOS ILLUMINADOS — Romance — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Luiz Guimarães Filho — FRA ANGELICO — A Noite, Editora S. A. — Rio.
- Edison Carneiro — NEGROS BANTUS — Civilização Brasileira — Rio.
- Manuel Bandeira — POEMAS ESCOLHIDOS — Civilização Brasileira — Rio.
- Cesar Bierrembach — PRODUÇÕES LITERARIAS — 2 vols. — Curityba.
- Jango Fischer — INDICE ALPHABETICO DO DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO BRASILEIRO DE SACRAMENTO BLAKE — Rio.
- J. Ferreira Sobrinho — MATUPÁS DO MEU LAGO — Versos — Manáos.
- Paulo Gustavo — O RELOGIO DO PECCADO — Civilização Brasileira — Rio.
- C. de Mello Leitão — A BIOLOGIA NO BRASIL — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Oliveira Ribeiro Netto — ESTRELLA D'ALVA — Versos — São Paulo.
- Magdalena Camucê — CHRONICAS E IMPRESSÕES — Chronicas — Rio.
- Vinicio da Veiga — O PRESIDENTE — Romance — Livraria Freitas Bastos — Rio.
- José Carlos de Macedo Soares — DISCURSOS — RUMOS DA DIPLOMACIA BRASILEIRA — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Nicolau Ciancio — O LIVRO DAS MOÇAS — A Noite Editora S. A. — Rio.

— Os historiographos indicam sempre as afinidades entre a obra civilizadora de Gallieni em Madagascar e o agudo senso de colonizador que levou Lyautey a realizar em Marrocos muito e muito de realmente honroso para a França. As cartas do primeiro, quando á frente das populações malgaches, foram reunidas por F. Charles-Roux e G. Grandidier e patenteiam o admiravel talento organizador de Gallieni, talvez maior em dias de paz que em dias de guerra.

— Toda gente aqui no Brasil conheceu um dramalhão intitulado *A doida de Montmaieur*, que pôz de pé os cabellos de innumeras platéas burguezas. Pois *Montmaieur*, ou seja *Montmajour*, é um recanto da França onde existe uma interessante abbadia evocada em livro de Fernand Benoit. Fica lá para as bandas de Arles e da cidade morta de Cordes, attraíndo a admiração de quantos visitem a deliciosa Provença.

— Uma obra já agora classica: *Les Chateaux de France*, de M. Bayet. Na parte dos castellos medievaes encontram-se referencias ao de Chinon, illuminado pela lembrança de Joanna d'Arc; ao de Comburgo, onde habitou Chateaubriand; ao de Luynes, antigo propriedade do favorito de Luiz XIII; ao de Saumur, prisão durante algum tempo do decahido Fouquet; ao de Avinhão, para onde se transferiu o papa, numa hora difficil que a Igreja acabou vencendo com a intelligencia e a possança moral de sempre. Dos castellos da Renascença, um que encanta os excursionistas é o de Blois, «talvez o mais bello especimen da architectura franceza na época de Luiz XII e de Francisco I».

— T. Hammár e M. Metzger acabam de traduzir *La maison de Lilliecrona* de Selma Lagerlof. E' uma dessas deliciosas pastoraes em que se comprazem tantos escriptores escandinavos. Que frescura primaveril em meio áquella neve toda! As creanças ainda não perderam o gosto das fadas e os proprios adolescentes e adultos sentem que vaga muito e muito de sobrenatural pelas cidades onde rolam os automoveis e as usinas fumegam. Mesmo escrevendo em prosa, Selma Lagerlof é a grande poetisa da Suecia.

Jango Fischer — *Indice alphabetico do Diccionario Bibliographico Brasileiro de Sacramento Blake* — Rio.

Neste volume precioso, que nenhum dos nossos estudiosos poderá deixar de incorporar á sua bibliotheca, o sr. Jango Fischer, pesquisador idoneo em materia de livros, offerece-nos um roteiro seguro para circular através do diccionario de Sacramento Blake. O indice é precedido de paginas das mais emocionantes em que são assinalados, pelo autor de agora, os tormentos do morto quando se deu á confecção da sua obra. Quasi ninguem respondeu aos pedidos de informações de Blake, não recebeu elle qualquer subsidio dos governos, viveu longe da familia e acabou cegando e tendo de recorrer a outrem para a revisão do seu diccionario, o que explica os muitos erros de nomes e datas deste. Nenhum desejo de gloria o movia em tudo isto e só trabalhava para distrair-se de idéas funeraes que o amarguravam. Esse erudito foi sem duvida um servidor meritorio da cultura do paiz e o sr. Jango Fischer andou bem em evocal-o com tanto carinho e em desenvolver-lhe o trabalho com tamanha autoridade de bibliophilo.

Alvaro de Las Casas — *Angustia das nossas horas* — Moura Fontes & Flores — Rio.

A patria, o Estado, a democracia, os dictadores, a guerra... Quantos problemas sociaes inquietaram esse amigo dos poetas gallegos, esse entusiasta dos mysticos que cercavam Santa Thereza e São João da Cruz! Antes do mais é um estheta, um inventor de imagens, mas, como a hora presente é acima de tudo politica, eil-o forçado a descer á praça publica, a mesclar-se á multidão, a dizer o que sente deante de horriveis conflictos que tanto mal têm feito á sua terra, á maravilhosa Hespanha das festas de Sevilha e das telas de Velasquez. Leiam-no e vejam como, em dado instante, um artista se pôde fazer tambem sociologo.

J. Ferreira Sobrinho — *Matupás do meu lago* — Manáos. Bichos, paizagens e costumes amazonicos. Vibração de affecto por tudo, um entusiasmo alvoroçado de quem ainda não pôde disciplinar a sua arte, mas é sympathico por seus defeitos mesmo, na exaltação gongorica com que se refere aos sitios nataes. A fôrma predilecta do sr. J. Ferreira Sobrinho é o soneto, sendo curioso vê-lo affrontar, nas paragens meio barbaras em que vivem e que compellem os homens a vastas epopéas, o genero preferido dos super-civilizados da França e da Italia.

Ranulpho Prata — *Navios illuminados* — Livraria José Olympio Editora — Rio

O sr. Ranulpho Prata notabilizou-se como autor do *Deutro da vida*, narrativa de um medico de aldeia, louvada por João Ribeiro, Tristão de Athayde e Jackson de Figueiredo. Publicou ainda o volume *Lampeão*, de um clinico de costumes, depoimento de sociologo em que ha tambem uma ponta de satira aos excessos de certos politicos nordestinos. Quanto ao seu trabalho de agora, *Navios illuminados*, é romance em que a poesia do mar excita com a sua attracção os pobres sêres jungidos aos prosaicos misteres da terra firme. Um bello livro.

Paulo Gustavo — *O relógio do peccado* — Civilização Brasileira — Rio.

Eis ahí um poeta que dispõe de numerozo publico feminino. Seus trabalhos não são dos que mofam na estante dos livreiros: esgotam-se logo e passam a sair em novas edições, graças á preferencia das gentis brasileiras que ainda crêm em idyllios com noites de lua e escadas de seda. Prosador, o sr. Paulo Gustavo é tambem dos mais legiveis, com o bocado de romantismo de sempre, e as tataranetas de Eva não deixarão de percorrer com o encanto habitual esta graciosa collectanea de contos: *O relógio do peccado*.

Edição Ariel:

VERTIGEM
Romance de GASTÃO CRULS

2.^a Edição

J O A Q U I M N A B U C O

A Civilização Brasileira S. A., continuando a sua iniciativa de editar as «Obras Completas de Joaquim Nabuco», acaba de lançar os seguintes livros do grande escriptor brasileiro:

Pensamentos sôltos — A primeira traducção da famosa obra de Nabuco, publicada inicialmente em francez sob o titulo «Pensées Détachées». Traducção, feita especialmente para a Civilização Brasileira S. A., pela propria filha de Nabuco, a escriptora Carolina Nabuco.

Brochura 10\$000.

Balmaceda — Um dos livros mais procurados do grande pensador brasileiro. Exgottado ha muitos annos, a iniciativa da Civilização Brasileira S.A. foi a realização de um velho desejo de todo o publico da nossa terra.

Brochura 7\$000.

**Outras obras de Joaquim Nabuco,
já apparecidas na mesma série:**

Minha formação — A obra prima, o grande livro de emoção e de pensamento, que nos legou a pena de Nabuco. Encontra-se em suas paginas o famoso trecho em que elle recorda a sua infancia passada no Engenho de Massangana.

Brochura 8\$000.

Encad. simples 15\$000.

Encad. de luxo 18\$000.

Um Estadista do Imperio — O grande livro em que Nabuco estuda toda a vida social e politica do Imperio, traçando a biographia do seu pae, o conselheiro Nabuco de Araujo. E' todo o panorama do Brasil Imperial, agitando-se as figuras de relevo na politica, na litteratura, com todos os sectores da vida nacional daquella época. A vida de um brasileiro illustre contada por seu filho — um dos maiores brasileiros.

Brochura (2 grandes volumes) 50\$000.

Encad. (2 grandes volumes) 80\$000.

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

— RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO —

Bibliotheca de Divulgação Scientifica

Dirigida pelo Dr. ARTHUR RAMOS

Vol. I — O NEGRO BRASILEIRO — *Arthur Ramos.*

Livro basico em que vêm estudadas as multiplas questões que interessam ao negro do Brasil. Vol. broch. 10\$

Vol. II — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS — *Nina Rodrigues*

O iniciador dos estudos negros em nossa terra, grande figura da cultura brasileira do seculo passado, tem, neste livro, uma das suas mais preciosas contribuições. Vol. broch. 8\$

Vol. III — QUESTÕES DE ANTROPOLOGIA BRASILEIRA — *Bastos de Avila.*

Reunião de varios ensaios sobre antropologia representando, algumas pesquisas originaes do autor. Vol. broch. 7\$

Vol. IV — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL — *Arthur Ramos.*

O illustre africanologista brasileiro estuda, neste livro, mais um angulo do palpitante assunto, o negro como elemento de folclore.

Vol. broch. 10\$

Vol. V — ALIMENTAÇÃO E RAÇA — *Josué de Castro.*

Noções simples da alimentação, assunto que interessa, no mais alto gráo, a todos os brasileiros. Vol. broch. 8\$

Vol. VI — HEREDITARIEDADE E EUGENIA — *Otávio Domingues.*

Não ha, em toda serie de problemas biologicos, face mais interessante no que diz respeito á hereditariedade e ao aperfeiçoamento do homem. Este livro expõe e comenta. Vol. broch. 8\$

Vol. VII — RELIGIÕES NEGRAS — *Edison Carneiro.*

Um estudo de um dos novos e acreditados valores da cultura nacional. —

Vol. broch. 7\$

Vol. VIII — VALOR SOCIAL DA ALIMENTAÇÃO — *Ruy Coutinho.*

Estudo enormemente documentado de alguns problemas de alimentação. A questão da carne. Outras questões palpitantes. Vol. broch. 12\$

Vol. IX — NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS — *Gilberto Freyre e outros.*

Reunião de novos documentos e importantes contribuições, de caracter literario e científico, levado ao 1º Congresso Brasileiro do Negro, reunido em Recife. Vol. broch. 12\$

Vol. X — O PORTUGUEZ DO BRASIL — *Renato Mendonça.*

Estudo erudito sobre a importante questões do portuguez falado em nosso paiz. Vol. broch. 12\$

Vol. XI — A ESCRITA PRE-HISTORICA DO BRASIL — *Alfredo Brandão.*

Uma contribuição valiosa a um problema que ultimamente voltou a interessar ao nosso paiz: prehistoria.

Vol. broch. 10\$

Vol. XII — AS CULTURAS NEGROS DO NOVO MUNDO — *Arthur Ramos.*

Um livro de grande erudição, onde Arthur Ramos fixa a sua maior contribuição ao estudo do problema do negro em toda a America. Uma obra de grande interesse cultural.

Vol. broch. 13\$

Vol. XIII — XANGÔS DO NORDESTE — *Gonçalves Fernandes.*

Mais um livro sobre africanologia, e estudando um dos seus aspectos fundamentaes, e mais interessantes.

Vol. broch. 8\$

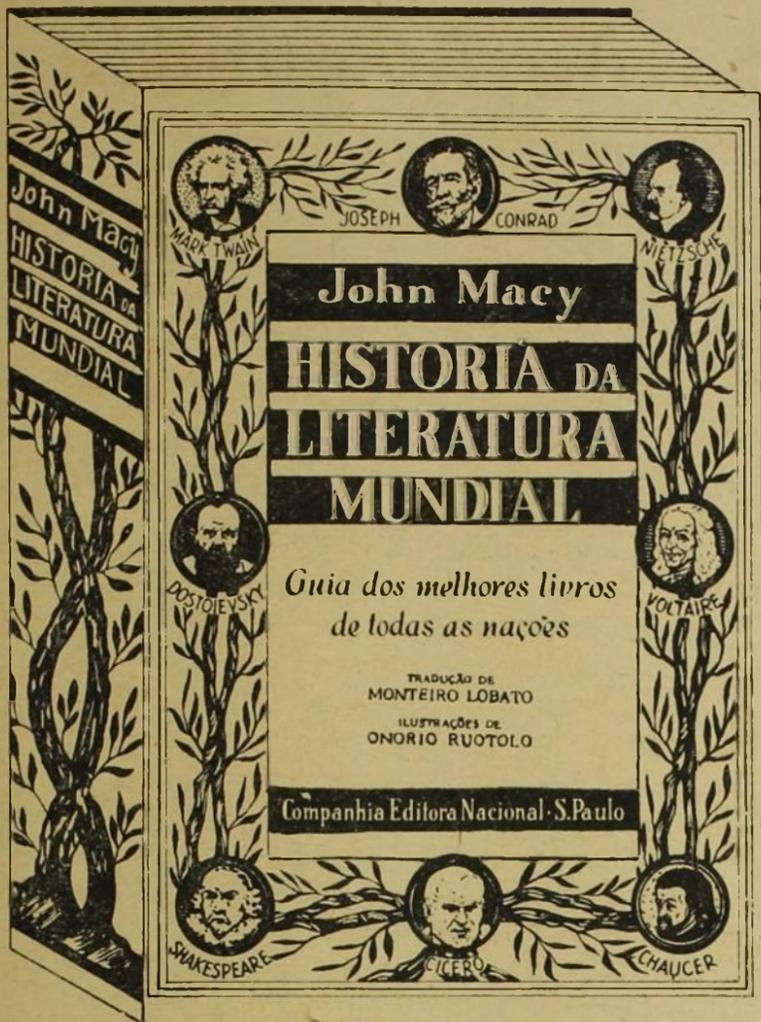
Vol. XIV — NEGROS BANTÚS — *Edison Carneiro.*

E' um ameno documentario, onde o autor reune valiosas notas sobre ethnografia religiosa e folclore.

Vol. broch. 7\$

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO



“HISTORIA DA LITTERATURA MUNDIAL”

de John Macy

Guia dos melhores livros de todas as nações

Não é uma historia da literatura ao molde classico; nada de systematização excessiva — e por isso alcançou grande divulgação pelo mundo. O autor percorre o vasto mundo literario como que de aeroplano, detendo-se apenas nos picos culminantes e mostrando as linhas geraes do conjuncto. A Grecia e Homero, a Roma de Tacito e Petronio, a decadencia medieval, os trovadores, os «minnesingers», Dante, Petrarca, todos os grandes do Renascimento em todos os paises; os poetas de Inglaterra e França, desde Chaucer até Rimbaud; os famosos romancistas, desde Fielding até Anatole; os ensaistas; os philosophos dotados de dom literario — toda a coorte dos mestres da expressão literaria é passada em revista sem pedantismo nem massudismo.

Profusamente illustrada pelo grande escultor ONORIO RUOTOLO.

Tradução de Monteiro Lobato.

Livro indispensavel aos que são dados ás boas leituras e aos que precisam mostrar cultura.

Preço do volume brochado 15\$000.

Philosophia da Vida

Philosophia da vida — o mais recente livro do grande ensaista americano.

Acaba de ser publicado em edição de grande formato, o mais recente exito literario de Will Durant, o autor da «*Historia da Filosofia*», livro que todo o Brasil leu com interesse e aidez. Coordenando as grandes correntes do pensamento mundial, estudando a obra dos philosophos e o proprio espirito do homem, Will Durant poude escrever este livro onde trata de todas as questões referentes á vida humana.

O segredo de Will Durant é o seu prodigioso dom de vulgarizador de grandes e dificeis questões, que elle põe, na mais simples e amena das linguagens, ao alcance de todas as intelligencias.

Philosophia da Vida

(The mansons of philosophy)

Tradução de Monteiro Lobato

A simples enumeração de alguns capitulos dá idéa da obra construida por Will Durant: «O attractivo da philosophia; Logica e Epistemologia; Metafisica; Materia, Vida e Espirito; Será o homem machina? Moralidade e humoralidade; Amor, Homens e Mulheres; A Mulher Moderna; A Debacle do Casamento; Reconstrucção do character; Que é a beleza?; Filosofia da Historia; Será o progresso uma illusão?; O destino da Civilização; Philosophia politica; Em louvôr da liberdade; Democracia; Aristocracia; etc., etc.

Brochura 16\$000.

Encadernado, mais 3\$000.

Historia da Philosophia

(A vida e as idéas dos grandes philosophos)

(Tradução de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel).

Este foi o primeiro livro de Will Durant publicado em portuguez, e o seu exito foi extraordinario pois, tratando um assumpto erudito como seja a philosophia, o famoso escritor americano o fez com tanta clareza e amenidade que transformou a sua Historia da Filosofia numa leitura tão agradavel como a de um romance de aventuras.

Brochado 15\$000.

Encadernado, mais 3\$000.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 118 — SÃO PAULO

RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

Livros de Fernando de Azevedo

Editados pela Companhia Editora Nacional

A maior casa editora do Brasil apresenta os livros do grande mestre das questões educacionais no Brasil:

A EDUCAÇÃO E SEUS PROBLEMAS

Um livro fundamental, em que Fernando de Azevedo expõe princípios e define a sua posição na moderna pedagogia. Governar é educar, e para educar tornam-se necessárias uma filosofia e uma técnica cujos contornos vm fixados neste livro. Mais do que contornos. O grande pedagogo brasileiro desce á fundo, vae ao amago das questões, estudando o problema da educação rural, a missão das Universidades, o valôr da educação na estrutura do Estado, a Unidade Nacional e a educação, construindo ensaios penetrantes e ricos de experiencia, de erudição e, principalmente, de aplicação á aspectos nacionaes do problema educativo.

E' o volume 22 da série « Atualidades Pedagogicas ».

Vol. broch.: 10\$000.

PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA

A sociologia constitue, atualmente, uma ciencia positiva, com objeto proprio. E' fruto de um trabalho de pesquisa e as suas relações com as outras ciencias evidenciam-lhe a unidade.

Neste livro Fernando de Azevedo realizou não uma « pequena introdução ao estudo da sociologia geral », como avisa no portico do livro, mas um pequeno tratado de sociologia, onde todas as fases desta ciencia são estudadas a fundo, com um rigôr científico e, ao mesmo tempo, uma clareza literaria, que transformam « Principios de Sociologia » numa obra de definitiva projeção na cultura brasileira.

E' o volume 9 da serie « Iniciação Cientifica ».

Vol. broch.: 15\$000.

NOVOS CAMINHOS E NOVOS FINIS

E' o livro do educador que pode realizar a sua obra educacional. A reforma da educação operada, no Distrito Federal, de 1927 a 1930, por Fernando de Azevedo, marca o grande advento da chamada « escola nova », em nosso paiz. « Novos caminhos e novos fins » é o livro que elle escreve para expôr e definir as aspirações e as realizações da pedagogia moderna no Brasil. Ele estuda, neste vo-

lume de 270 paginas, desde a educação, antes de tudo como problema filosofico, até ás questões technicas da construção adequada dos predios escolares. Não só a formação do professorado interessa-o, mas tambem o papel da arte na escola nova, o problema da saude na escola nova; a educação profissional, etc. Este é o livro que condensa a nova politica de educação no Brasil.

E' o volume 1 da serie « Atualidades Pedagogicas ».

Vol. broch. 7\$000.

NO TEMPO DE PETRONIO

Volume de erudição e de elegancia litteraria, em que Fernando de Azevedo fixa a antiguidade fatina numa série de ensaios agudos e definitivos. Roma e os romanos, a magia de Petronio, os grandes pensadores, ou as mais notaveis mulheres, e até a reconstituição archeologica da casa romana, tudo é estudado por um espirito perfeitamente identificado, pela cultura, com aquella civilização cujos limites estavam em torno e além do Mediterraneo, distendidos num impeto de expansão como o mundo ainda não vio.

Vol. broch.: 15\$000.

A RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL.

Manifesto ao Povo e ao Governo, exposição de principios, apresentado pelos pioneiros da escola nova. Um pequeno livro, indispensavel a todos os que se preocupam com a historia e a efetivação dos novos methodos educacionais no Brasil.

Vol. broch.: 4\$000.

A EVOLUÇÃO DO ESPORTE NO BRASIL

Fernando de Azevedo é tambem um dos grandes animadores da educação fisica no Brasil. Foi dos primeiros a reclamar, para as nossas crianças, o ar livre, os parques, os jogos. Neste livro ele traça um panorama critico e historico sobre a evolução do esporte no Brasil. These apresentada ao 1.º Congresso Brasileiro de Educação Fisica, reunido em 1925.

Vol. broch.: 4\$000.

ENSAIOS

Obra exgottada. Reunião de ensaios de critica literaria.

A REFORMA DO ENSINO NO DISTRITO FEDERAL

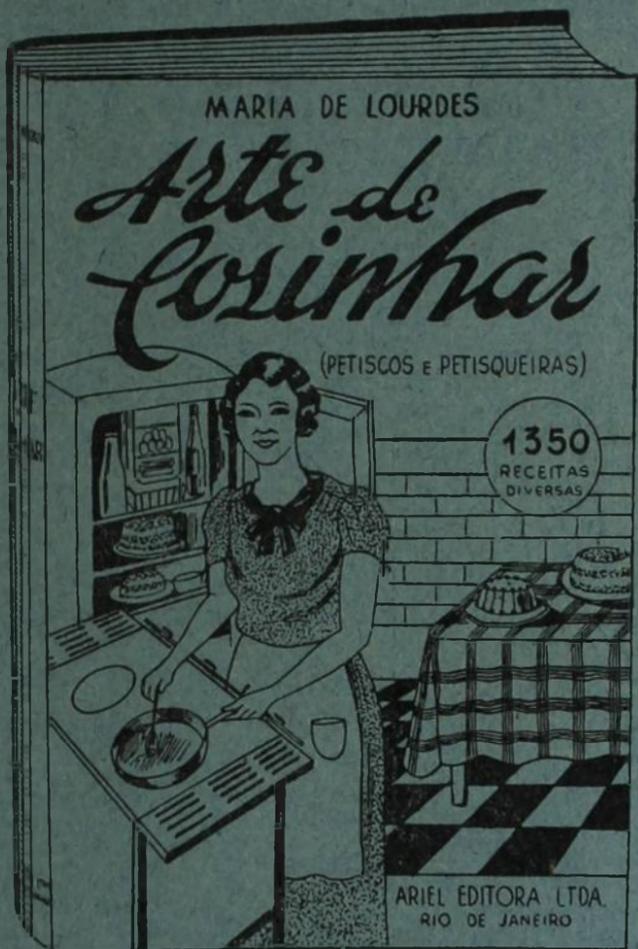
Obra exgottada. Discursos e entrevistas sobre o Problema da Instrucção Publica.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 119-140

SÃO PAULO

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
Carnes	Toddys	Bolachas
Caças	Egg-Noggs	Rosquinhas
Aves	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessôa em sua casa, fazer doces, biscoutos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Volume cartonado 12\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP"

MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS

CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO

